



PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE
SECRETARIA MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL - SMDS
CONSELHO MUNICIPAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE – CMDCA

ATA DA REUNIÃO ORDINÁRIA

Nº. 12/2026

Aos treze dias do mês de maio de dois mil e vinte seis, às treze horas, reuniram-se para Assembleia Ordinária do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Porto Alegre, nas dependências da Secretaria Municipal de Inclusão e Desenvolvimento Humano – SMIDH, Av. João Pessoa, 1105 – Farroupilha – Porto Alegre, sob a coordenação de **CAROLINA AGUIRRE DA SILVA**, e na presença dos:

CONSELHEIROS DA SOCIEDADE CIVIL:

Andréia Brito Gilli, **Comunidade Evangélica de Porto Alegre – Cepa**
Bruna Fernandes da Silva, **Associação Cristã de Moços do RS – ACM**
Carolina Aguirre da Silva, **Centro de Atendimento Integrado do Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente**
Dinamara Laux da Silva E Nicolas Santos, **AMOVITEC**
Francyne da Rosa, **CEMME**
João Batista Machado da Rocha, **Fundação O Pão dos Pobres**
Lucas de Campos Ribeiro, **Instituto Pobres Servos da Divina Providência – Calábria**
Maria Alice Goulart Silva da Silva, **Associação Amigos da Restinga**
Natália Laurindo, **AHMI**
Paulo Francisco da Silva, **Pequena Casa da Criança**
Priscila Balestrin e Fabrízia Demo, **Parceiros Voluntários**
Rosana Fernandes Nunes, **Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Porto Alegre, APAE/Porto Alegre**
Rose Ceroni Canabarro, **ASAFOM**
Vera Regina Boose, **Federação Espírita do RS – FERGS**

CONSELHEIROS DO GOVERNO:

Adriana Paz e Tarsila Crusius, **Secretaria Municipal de Educação - SMED**
Deise Fabiana Ribeiro Silveira, **Secretaria Municipal da Fazenda – SMF**
Guilherme Fagner da Silva Pereira, **Secretaria Municipal de Governança Cidadã e Desenvolvimento Rural – SMGOV**
Neiva Chaves, **Secretaria Municipal de Assistência Social – SMAS**

Nicolas Vaz, **Secretaria Municipal de Esporte e Lazer – SMEL**

DEMAIS PRESENTES:

Viviane Anchieta, **Administrativo SMIDH;**

Sandro Ribeiro, **Taquígrafo – TG Taquigrafia.**

PAUTA:

1. Abertura;

2. Informes e demais encaminhamentos;

3. Comissões: Comissão Executiva, Comissão de Registros, Comissão de Políticas e Comissão de Finanças.

Após a conferência de quórum foram abertos os trabalhos:

1. ABERTURA

2. INFORMES E DEMAIS ENCAMINHAMENTOS:

Carolina Aguirre da Silva, Centro de Atendimento Integrado do Morro da Cruz – Caimc

(Topogigio) – Presidente: Começando a nossa plenária. Boa tarde, então. Hoje nós temos a a

presença do Davi, que deixa eu contar para vocês como é que a gente chegou nesse ponto. Foi

ontem, anteontem, nós estávamos em reunião sobre a pré-conferência. E aí, um dos eixos da

pré-conferência trabalha as questões de medidas socioeducativas, meio aberto, conselho tutelar,

trabalha proteção integral de uma forma geral. E aí surgiu a questão: tá, e cadê os adolescentes

cumprindo medidas socioeducativas? Cadê o PEMSE? Cadê e cadê? Aí, cadê essas crianças?

Que a minha instituição, antigamente, a gente recebia jovens, adolescentes cumprindo medidas.

E hoje em dia a gente não ouve mais, pelo menos eu não tenho conhecimento, de onde que

estão. Infelizmente não diminuiu as infrações, a violência não diminuiu. E a Denise pegou e

disse: 'a gente conhece o Davi, que trabalha...' E aí já juntamos todo o contexto, porque eu

acredito que é muito importante a gente estar atualizado do que está acontecendo com a criança

e o adolescente, de uma forma geral, para que a gente possa estar sabendo realmente o que está

acontecendo lá na ponta e também para poder levantar algumas questões que, volta e meia, a

gente traz aqui, até como, muitas vezes, sem a resposta correta. Então daí eu queria que o Davi

se apresentasse, falar para nós, por favor. Pode abrir a palavra, por favor. **Denise Zulmira**

Beuren, Secretaria Municipal de Saúde – SMS: Então, a gente se conhece há pouco tempo.

Eu sou a Denise, assistente social da SMS, da área técnica da saúde do adolescente. A Sônia é

conselheira que representa a Saúde aqui. E que eles fazem um trabalho bem interessante junto

com o pessoal de meio fechado, enfim, que é um trabalho maravilhoso. E a Sônia achava que,

através disso, a gente pudesse clarear o mistério e também poder abarcar projetos na área de

saúde, na área de meio aberto. Então, a Sônia ficou totalmente fechada com meio fechado, Sônia? E eu entrei nesse momento para trabalhar junto com o pessoal de meio aberto, até por uma experiência que eu já tinha de ter participado e tudo mais. O Davi então, como convidado nosso, ele tem essa referência no meio aberto no SMA, não é? Não é fácil. E os contatos dele, então, são extremamente importantes. E ele vai falar um pouco sobre as atividades, como andam todas as questões de políticas de atendimento aos adolescentes. Obrigada. **Davi, Referência Técnica do Serviço de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto:** Tudo bem? Eu sou o Davi, sou assistente social, especialista em Direitos Humanos e atualmente eu estou na Secretaria Municipal de Assistência Social, de Habitação e Trabalho e faço a referência técnica do serviço de medida socioeducativa em meio aberto que fica localizado então dentro do guarda-chuva da assistência na proteção social especial. Então, esse é o serviço que eu acabo dando diretriz dele para a cidade. Falar um pouquinho como que ele funciona. Para falar um pouco deste serviço, e antigamente algumas pessoas conhecem ele como PEMSE, que seria o antigo Programa de Execução de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto. E agora ele trocou... agora não, ele trocou desde 2004 com a construção do SUAS, desde 2004, já faz alguns anos ali com a construção ali da Penas, do SUAS, ele então vem e se torna um serviço e deixa de ser um programa. Para mim, isso é uma das coisas mais importantes que aconteceram com esse serviço nos últimos 25 anos. E por que é importante falar SCENSE e não PEMSE? Quando a gente fala de serviço, a gente está falando de algo que é continuado. Quando a gente fala de programa, ele pode ser descontinuado de alguma forma. Ali, a gente consegue ver alguns serviços que estão localizados na média complexidade da assistência social. A gente sabe que todo mundo conhece o SUAS dentro das suas estruturas. Vocês poderiam se apresentar? [Relação dos presentes na inicial]. **Carolina Aguirre da Silva, Centro de Atendimento Integrado do Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:** E aí eu acho que é bom para deixar para ti uma visão do CMDCA. Ele é composto por instituições da sociedade civil que executam muitas vezes serviços de assistência, educação e saúde, ou atendimento direto e indireto à criança, que fazem assessorias também às instituições, e também é composto pelas secretarias de governo. Então, a maioria dos profissionais aqui são técnicos, então tu podes usar a linguagem técnica tranquilamente que daí é mais prático também. **Davi, Referência Técnica do Serviço de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto:** Certo. Então, prazer aí. Acho que agora sei mais ou menos por onde a gente pode conduzir. O SCENSE ele se localiza na média complexidade porque a gente entende que quando o adolescente ele está em cumprimento de

medida socioeducativa, alguma violação de direito ocorreu, seja com ele, com a família de... ou a gente pode até compreender que este adolescente cometeu uma violação de direito com alguém. Mas, por se tratar de uma transgressão da lei, a gente entende que essa transgressão ela é o resultado de algo que vem antes. Então, o SCENSE ele não se localiza nem na alta complexidade, porque os adolescentes estão no meio aberto, e nem na proteção social básica, porque a gente não está falando de um serviço que vai trabalhar prevenção. A gente está falando de um serviço que vai trabalhar o processo já da violação de direito instaurada dentro da construção da família. Então, ele fica dentro deste guarda-chuva. E a segunda questão que quando a gente fala de PEMSE e troca para SCENSE, tem a ver com a metodologia da execução do serviço. Quando eu falo PEMSE, eu estou falando do Programa de Execução de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto. Executar uma coisa, quando a gente fala da execução, a gente está falando de um ato, e quando o adolescente, por exemplo, ele sai do Judiciário. E a gente vai falar um pouco mais sobre isso depois, ele sai do Judiciário, ele vai para o CREAS para poder cumprir a medida. Quando a gente fala de programa, eu estou dizendo o quê? Que aquele equipamento ele serve para executar especificamente aquela medida, ou seja, tem o início, o meio e o fim, e esse início, meio e fim ele tem uma finalidade que se dá na execução. Quando ele troca para SCENSE, ele então se torna o Serviço de Proteção Social ao Adolescente em Cumprimento de Medida Socioeducativa. Olha a diferença: um, ele está lá para executar a medida; o outro, ele está lá para ser protegido enquanto ele está no processo de execução da medida socioeducativa. Então, a nomenclatura, eu me apego a ela porque ela é importante, ela é um marco, ela vem com o SUAS ali na conferência de 2024 que estabelece o sistema complexo e importante que a gente tem. É isso. Mas, para a gente falar do serviço de medida socioeducativa, a gente tem que pensar um pouquinho no panorama histórico de como as crianças e adolescentes foram tratados pelo Brasil, pelo mundo, ao longo deste período. A gente vai entender como uma das primeiras vezes que o Brasil ele olha para a infância. A gente vai entender que o Brasil olhou para a infância de diferentes formas e em diferentes momentos históricos. Uma das primeiras vezes que talvez o Brasil tenha olhado para a infância de uma forma torpe e a partir da ótica também da violência misturada com a proteção, e isso é uma coisa que vai ocorrer o tempo todo, existe uma contradição entre violação de direito e proteção, e o SCENSE ele é basicamente isso, foi no processo da Lei do Ventre Livre, que dizia que crianças negras, filhas de mulheres negras escravizadas, estavam livres, não eram mais consideradas pessoas escravizadas a partir daquele período. A Lei do Ventre Livre ela

225 supostamente garante alguns direitos às crianças e adolescentes pensando que a criança e o
226 adulto tinham o mesmo tratamento, já que a criança já nascia escravizada. Com esta lei, se
227 subentende que não. Então, a gente entende isso quase que como um avanço de proteção.
228 Porém, todavia, entretanto, a gente vai entender que essas mesmas crianças que eram
229 consideradas livres eram crianças que não tinham lugar para habitar, não tinham espaço para
230 comer, não tinham direito à educação, não tinham direito à saúde, não tinham direito a nada.
231 Ou seja, nada mais é do que uma falsa liberdade. A proteção social durante muito tempo ela foi
232 vinculada a essa liberdade que ela não existe, que ela é simplesmente uma falácia. Passa um
233 período, a gente vai ter ali o período de abolição da escravatura e, lá por volta de 1910, a gente
234 tem um índice gigantesco de natalidade no Brasil, junto com um período de imigração muito
235 forte. E quando a gente vai lembrar dos nossos avós, dos nossos bisavós, a gente vai lembrar
236 que, bom, quem teve menos filhos teve sete. Teve sete filhos é pouco. Teve 12, 10 filhos. A
237 gente vem tendo um aumento da taxa de natalidade. Com o aumento da taxa de natalidade, a
238 gente tem o aumento de criança, e criança sempre foi uma coisa perigosa. Criança é perigoso.
239 Eu acho que de alguma forma as crianças foram vistas como perigosas. Então começou a se
240 olhar, 'opa, isso daqui é adulto, isso daqui é criança', tem o alto índice de natalidade, a gente
241 está ainda em processo de mínimo desenvolvimento de processo de inclusão social vinculado
242 pela constituição social brasileira que é marcada pelo racismo, pela questão social e pela questão
243 racial, que é algo assim intrínseco. A gente não pode esquecer que o Brasil é um país que foi
244 escravagista durante 500 anos com a população negra e com a população indígena. A gente não
245 pode esquecer que ele é um país que vive do processo da desigualdade, que a desigualdade
246 social alimenta. A gente tem aí uma quantidade mínima de pessoas multimilionárias e uma
247 quantidade gigantesca de pessoas pobres, periféricas, vivendo à margem da pobreza. Isso
248 sempre foi uma estrutura social e é seu projeto social que existe há mais de 500 anos e que a
249 gente vem tentando romper. Mas, então, a gente começou a olhar essa criança e a gente pensou:
250 o que que a gente vai fazer com essa criança? Tem muita criança, tem muita criança de rua, tem
251 muita criança cometendo crime, tem muita criança sem mãe, tem muita criança órfã, tem muita
252 criança morrendo de fome, tem muita criança tocando o terror por aí. E daí se cria, então,
253 primeiramente o Código de Menores. O primeiro Código de Menores de 1927, ele vem depois
254 do Serviço de Atendimento ao Menor, que também foi o SAM, foi um serviço criado. O Getúlio
255 Vargas, que atendia os menores, mas o Código de Menores, então, ele dá origem à Doutrina do
256 Menor em Situação Irregular, que é uma doutrina menorista, na qual vai dizer o seguinte: se

257 esse menor está em situação irregular, eu preciso ajustar ele. E onde que eu vou ajustar ele? Eu
258 vou ajustar ele na FEBEM. É na FEBEM que ele vai ser ajustado. Quem vai ser ajustado na
259 FEBEM? Quem está em situação irregular. Então, a gente pode pensar nos adolescentes em
260 conflito com a lei, a gente pode pensar nos adolescentes órfãos, a gente pode pensar nas crianças
261 com deficiência, nas quais os pais não davam conta de realizar o cuidado. A gente pode pensar
262 nas crianças pobres, aquele mesmo, aquela mesma Lei do Ventre Livre ou até mesmo a abolição
263 da escravatura, hoje é dia 13, hoje é dia 13 de maio, olha só, linda comemoração sem nada a
264 comemorar. A própria abolição da escravatura, que não deu nenhum subsídio para a população
265 negra conseguir se desenvolver, era a mesma que cobrava daquela mãe a condição de criar os
266 seus filhos. E quando a gente escuta isso, a gente está falando de 1927, mas quando a gente
267 retorna para esse momento em que, para agora, o nosso século, a gente percebe que as coisas
268 mudaram, mas ainda têm resquícios de menorismo no nosso processo de trabalho e na estrutura
269 na qual a gente vê as crianças e os adolescentes. E o Código de Menores ele era isso. Essa
270 criança pobre, ela era retirada. Aí, ela era voltada, ela ia para a FEBEM. As pessoas de mais
271 idade do que eu vão lembrar que a FEBEM, antes de ser FEBEM, ela foi FUNABEM, e tinha
272 uma propaganda dela na TV que dizia: F de fé, E de educação, B de bons modos, E de esperança
273 e M de moral. Então, ela trabalhava em cima desses princípios, numa lógica de proteção e
274 punição. E por que punição? Enfim, que a gente sabia os absurdos que ocorriam dentro da
275 FEBEM, que as crianças e os adolescentes eram tratados a partir de uma lógica menorista, com
276 uma série de violações de direitos humanos, os montinhos, as violências entre as crianças, as
277 violências de entender de misturar todas as crianças no mesmo espaço e conseguir conter elas.
278 Vai passar um tempo, 1927, a gente tem esse primeiro momento. A gente volta isso no período
279 da ditadura militar, daí de uma maneira ainda pior, de uma maneira ainda mais violenta, com o
280 segundo Código de Menores. E pode avançar um. E é interessante que a doutrina da proteção...
281 da proteção não, a Doutrina de Situação Irregular, ela era marcada pela compaixão e pela
282 repressão. Era bem uma lógica mais assistencialista. O adolescente ele era levado para o juiz,
283 tu era pego na rua pela polícia, e aquela velha história de que a polícia vai te pegar, a FEBEM
284 vai te pegar, vão raspar tua cabeça. Então, ele era pego, ele era levado e daí tinha uma assistente
285 social lá que fazia uma triagem e normalmente rotulava o adolescente como: carente,
286 abandonado, inapto ou infrator. E independente de qualquer um desses quatro pontos, ele ia
287 para o mesmo local. A gente passou pela Doutrina de Proteção... da Doutrina do Menor em
288 Situação Irregular, enquanto o mundo lá em 1950 já estava carregando várias bandeiras de luta

pela criança e o adolescente, a gente demorou um pouquinho mais aqui e essas bandeiras de luta vieram mais ou menos na década de 1980. E daí a gente vê o boom de boa parte das instituições aqui representadas, inclusive, que foram se constituindo enquanto instituições que buscavam e, naquele período, militavam, inclusive, em prol dos direitos da criança e do adolescente para que a gente pudesse, então, implementar o ECA. Romper com a Doutrina do Menor em Situação Irregular e, então, construir os processos mais vinculados à Doutrina da Proteção Integral. Porto Alegre é um pouquinho novo esse processo. Se a gente for parar para pensar, a FEBEM acabou em 2000. A FEBEM acabou em 2000 e por vezes segue viva às vezes dentro da gente, infelizmente. **Sônia Silvestrin, Secretaria Municipal de Saúde – SMS:** Na consciência das pessoas. **Davi, Referência Técnica do Serviço de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto:** Isso. Sendo conselhos os quais iam para entregar as crianças para a FEBEM. E isso agora já tinha uma... **Sônia Silvestrin, Secretaria Municipal de Saúde – SMS:** Isso depois ia para o meio aberto. **Davi, Referência Técnica do Serviço de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto:** Era uma outra lógica, mas ela sempre trabalhou nessa lógica da proteção e da punição, proteção, punição. E ela sempre vinha nessa lógica, inclusive o nosso trabalho hoje ele vive nessa lógica da proteção e da punição. Em 2000, a FEBEM acabou, se findou, se constituiu a FASE, que é a Fundação de Atendimento Sócio-Educativo, e os abrigos da Fundação de Proteção Especial, a FPE, e os abrigos da FASE, enfim, os de semiliberdade que a gente conseguiu entender que o adolescente em conflito com a lei ocupava um espaço, adolescentes uma outra situação de violação de direito ocupava outro espaço, crianças com deficiência precisavam ter um outro olhar, e assim a gente começou, então, a dar essa separada no intuito de romper com essa lógica de estrutura total que vai dar conta de tudo e de todo mundo. Não consigo falar de medida socioeducativa sem trazer esse histórico, por mais que a gente já conheça ele, mas eu acho que é importante a gente falar para conhecer essa história. Pode passar. Não vou entrar aqui. Não vou entrar. Pode passar. Aí. Então, a gente chegou nesse momento trazendo como o município de Porto Alegre, em 2000, a gente tem, então, o fim da FEBEM e essas construções. Em 2004, a PENAS foi aprovada, que é a Política Nacional de Assistência Social. Em 2010, o município de Porto Alegre, então, abraça o SUAS e começa a separar isso, entender, opa, não é mais o SAS, é o serviço de convivência, não é mais PEMSE, é SCENSE, não é mais atendimento à família, é PAIF. E o município de Porto Alegre começa a organizar as coisas conforme a PENAS, conforme o ECA e, posteriormente, conforme o SINASE. O SINASE é o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo. É ele

que vai fazer... ele é uma legislação de 2006 que ela iniciou, em 2012 que ela foi aprovada, que vai determinar como que vai ocorrer o serviço de medida socioeducativa tanto em meio aberto quanto em meio fechado. Ele vai dar a diretriz para a execução deste serviço. **Sônia Silvestrin, Secretaria Municipal de Saúde – SMS: Nacional. Davi, Referência Técnica do Serviço de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto: Nacional.** E daí quando a gente vai falar do meio aberto, então, a gente está falando deste adolescente que comete ato infracional. O ato infracional ele é o resultado, para mim, para algumas pesquisas, de dois principais grandes fatores. Mas eu queria ouvir de vocês. O ato infracional nada mais é do que um adolescente que comete uma contravenção penal, ou seja, um que para o adulto seria equivalente a um crime: roubo, tráfico, lesão corporal, desacato à autoridade, e por aí vai. Por que vocês acham que os adolescentes cometem atos infracionais? **Tarsila Rorato Crusius, Secretaria Municipal de Educação - SMED: Desigualdade. Adriana Guedes Paz, Secretaria Municipal de Educação - SMED: Vulnerabilidade. Ivana Dutra Fróis, Comunidade Evangélica de Porto Alegre - CEPA:** Eu tive um adolescente, por exemplo, que foi para medida em meio aberto, três vezes, pela questão de abuso de um sobrinho, de um menor, assim, uma situação que eu não sei exatamente se se configurou, mas ele foi, enfim, condenado ali. **Davi, Referência Técnica do Serviço de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto:** É um processo. Esse é outro, das famílias. Alguém falou de meio social. Que mais? **Sônia Silvestrin, Secretaria Municipal de Saúde – SMS:** Eu penso que os adolescentes, na verdade, eles são frutos de uma situação social, do meio em que eles estão. E, dependendo do ato infracional e considerando a adolescência, esse período específico de hormonal, que é fisiológico, que é comportamental, que é de afirmação, eles são, na verdade, fruto daquilo que eles experienciaram e também parte desse resultado é a adolescência como uma fase da vida onde muitas questões turbulentas acontecem. Então, eu penso que eles também são frutos desse de todo esse contexto que eles estão inseridos. Esse período de maturação e condicionamento social também ligado ao que ele assiste e ao que ele presencia desde pequeno. Acho que isso influencia e que esse processo de maturação cognitivo também do que é apresentado para a criança desde pequeno, é uma parte do que leva à teoria de que eles a terem e fazerem o ato, porque o adolescente não é convidado a ir fazer o ato, ele às vezes tem a necessidade de ter que fazer esse ato. E isso é muito às vezes de onde está inserida a comunidade, de que forma ele está vivenciando essas experiências dentro do próprio grupo familiar ou do núcleo de apoio também. Pessoa em desenvolvimento. O adolescente é uma pessoa em desenvolvimento, e aí a gente na maioria das vezes pensa na

questão da comunidade, do local que está inserido, mas a gente tem muitos adolescentes com poder aquisitivo alto que também têm questões, hoje em dia está bastante ligado e aí são as questões de bastante violência relacionadas à que é o meio, também não deixa de ser o meio. É, quando a gente fala em ato infracional, a gente está pensando na comunidade... **Sônia Silvestrin, Secretaria Municipal de Saúde – SMS:** É esse o ponto. É quando a gente fala em ato infracional, a gente está pensando na comunidade. É isso, por isso que a gente tem a ofensa do aluno que está ali filmando o professor na rede social. Isso também é um ato infracional. **Davi, Referência Técnica do Serviço de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto:** Sim. **Sônia Silvestrin, Secretaria Municipal de Saúde – SMS:** A gente não está ali falando do aluno que tem boas condições sociais e está sendo negligente com o professor que tem mais história. Ou sociologia, como que ainda a gente está numa sociedade que entende que sociologia e filosofia não pode ser abordado ou falado, então tem esses fatores que a gente vem errando também na parte educacional ligado à assistência social, porque o que é a assistência social? A gente tem que também pensar nisso. **Davi, Referência Técnica do Serviço de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto:** Estão dentro deste local e daí eu classifico muito o tráfico, autores classificam tráfico como trabalho. O tráfico ele é vinculado ao trabalho, independente da nossa concepção se o trabalho é honesto ou não é. E várias formas do trabalho infantil, inclusive, têm carga horária, de pegar à noite, entrar às 20 horas e sair do lugar ali onde eles estão no outro dia de manhã. Acaba sendo uma jornada, assim como a profissional do sexo, dependendo da idade, é trabalho, então, só que qual é a concepção? O nosso olhar assistencialista. Ele é um trabalho criminoso. Mas ele é trabalho. E se ele é trabalho, todo mundo que trabalha, trabalha para obter alguma coisa. Ninguém trabalha de graça. Trabalho de graça é voluntariado, não é trabalho. É essa concepção de trabalho. A gente trabalha para conseguir acesso a direitos humanos. É isso, porque eu trabalho para poder ter dinheiro, e o dinheiro eu converto em acesso a direitos humanos. A sociedade que a gente vive, ela é marcada pelo capitalismo, enfim, dentro do seu processo. Os direitos humanos, eles se dão através da mercadoria, ter uma roupinha quentinha no inverno de Porto Alegre me impede de morrer de frio. Não morrer de frio é ter acesso a direitos humanos. A roupa quente que eu utilizo, ela vem da mercadoria, da mercadoria que veio a partir do meu trabalho. Ou seja, essa lógica do trabalho com o ato infracional e o acesso a direitos humanos está completamente interligada. O adolescente, quando ele trafica, ou seja, ele está trabalhando, ele trafica para ter acesso a direitos humanos. Esta é a contradição. É um trabalho que mata, da mesma forma com que ele te dá um

385 nível pequeno de acesso a alguns direitos humanos que deveriam ser garantidos de maneira
386 universal e não de maneira geracional como é hoje, ou seja, tem o... alguns têm acesso, outros
387 não, outros sim, outros não. O tráfico, ele trabalha essa relação junto com os adolescentes.
388 Então, eles têm esse processo para conseguir acessar direitos humanos. Mas só isso é suficiente?
389 Não. E em um determinado momento, quando eu estava atendendo um adolescente numa
390 liberdade assistida depois a gente vai falar sobre ela um adolescente super explorado, desses
391 que tinham horário, nem todos, mas esse era um dos que tinham horário um inverno terrível,
392 podre de gripe, completamente, assim, sabe, aquilo que tu vai falar e o pulmão fechando, ele só
393 respirava e eu escutava o chiado dele aqui, ele estava lá no canto. 'E aí, fulano, como é que foi?
394 Como é que estão teus dias?'. Enfim, a gente estava recém se vinculando. E ele: 'Olha, foi ruim,
395 senhor. Estava no movimento'. E eu: 'Pá, nessa condição?'. 'Sim, eu tive que estar'. Tranquilo.
396 Peguei aquela informação... não vai ser para eu denunciar ele para a polícia no outro dia,
397 trabalho a partir da proteção social, que é a minha função. No outro atendimento, eu fui lá e
398 criei: 'Fulano, se eu te conseguisse hoje uma vaga de jovem aprendiz para ti ganhar a mesma
399 coisa que tu ganha, a mesma coisa que tu ganha na boca de tráfico, só que tu vai trabalhar só 4
400 horas numa biblioteca, tu queres?'. Numa hipótese, porque eu não tenho essa vaga. Ele olhou,
401 ele pensou, ele pensou e ele disse: 'Claro que não, senhor'. Quem iria querer ir para uma vaga
402 de jovem aprendiz numa biblioteca se ele não tem relação nenhuma com livro, relação nenhuma
403 com biblioteca, se ele nem sabe como funciona uma biblioteca? Lá ele não vai ter relação e
404 concepção de vida, se ele não vai conseguir estabelecer relações de pertencimento que fazem
405 com que aquele trabalho ele seja pleno. E o tráfico ele tem isso. O tráfico... a concepção de
406 trabalho, uma concepção mais crítica de trabalho, uma concepção marxista de trabalho, vai
407 entender que o trabalho ele é quando eu transformo a natureza e a natureza ela me transforma.
408 É mais ou menos isso. Eu vou transformar algo e esse algo ele vai me transformar. Essa é uma
409 concepção de trabalho que ele não é alienado. Quando eu penso na relação dos adolescentes
410 com o tráfico de drogas, eu parto dessa concepção de trabalho, porque, de fato, eles estão
411 vendendo a mercadoria, que é a droga ali na boca de tráfico, só que esse processo de venda tem
412 uma transformação na vida deles, porque dá um status, então eles têm um local, dá um emprego,
413 coisa que é negada historicamente, um dos principais fatores que constituem o Brasil é o
414 desemprego estrutural. Tem uma autora, Moema de Castro, que fala sobre o desemprego
415 estrutural é uma marca do Estado brasileiro. O desemprego estrutural ele foi feito e
416 principalmente para a população negra. A gente não pode esquecer que por volta de 1930 o

Brasil e o Rio Grande do Sul foram bater na porta lá dos portos europeus, em 1910, e dizer o seguinte: 'Ó pessoal, aqui a gente tem postos de trabalho e não tem quem trabalhe'. Contou uma mentira para a galera lá, falando: 'Venham para cá porque aqui é uma terra de mil maravilhas que tem trabalho, tem renda, tem tudo'. E daí a gente vai viver, em 1930, um boom de um processo de migração alemã, italiana e de outros países da Europa para ocupar esses postos de trabalho que antigamente eram ocupados por quem? Pela população negra e que foi jogada ao léu para o processo de desemprego estrutural, os grandes morros, as grandes periferias. Então, esse processo histórico é o que também resulta neste ato infracional, porque, de fato, esse adolescente ele vai querer, então, trabalhar. E daí essa relação de trabalho, ela é tão perversa que tem uma outra categoria que se chama reificação do capital, que é uma categoria que diz o seguinte: as coisas, ou seja, este meu celular aqui, ele tem, ele toma o meu lugar e eu tomo o lugar dele. As coisas tomam o lugar das pessoas, as pessoas tomam o lugar das coisas. Ou seja, o que é de matéria tem muito mais valor do que é o da vida, do que a vida. E isso para o adolescente vai ser tão nítido, mas tão nítido, que numa eventual situação de confronto, e alguém quiser ocupar uma determinada boca de tráfico para poder ocupar aquele lugar, vai matar ele. Tranquilamente ele vai ser morto para que aquilo ali seja ocupado. A vida dele não vale nada. A vida dele vale menos que aquele malote de droga que está ali. Porque, de fato, matam ele e ele também pode vir a matar outras pessoas por conta daquele espaço. Tal qual adolescente para adolescente, tal qual também próprios agentes de segurança pública, quando vão lá, enfim, para poder tirar uma boca ou recolher não sei quantos quilos de cocaína, tantas pessoas, 100, 120, são mortas. Ou seja, a droga vale mais do que a vida das pessoas e essa correlação ela está, tal qual quando eu posso ser assaltado e me matarem para pegar o meu celular, ou eu para proteger o meu celular matar alguém. Então, essa relação de vida e morte e coisificação, que a gente chama, ela está presente dentro do ato infracional. Este é um ato infracional específico, é o tráfico, e ele tem um recorte. Quando eu vou falar de outros atos infracionais, por exemplo, um ato infracional que está em alta, crime cibernético, a gente atendeu aí uns três grupos de adolescentes em três regiões diferentes da cidade, num período de um ano, cometeram o mesmo ato infracional: pegaram um vídeo pornográfico de uma colega, colocaram numa IA, pegaram o rosto dela, colocaram no vídeo pornográfico e disseminaram para toda a escola. Esse é um ato infracional que ele vai te exigir outros elementos. Primeiro, ele vai ter como base a misoginia, machismo e misoginia é o que ele vai ter como base. Segundo, para mim pegar um vídeo pornográfico e conseguir transformar ele nessa relação, eu tenho que

ter acesso ao quê? Internet, computador, conhecimento. Este ato infracional, os três grupos de adolescentes eram de escola privada. Ou seja, de fato, o ato infracional ele transcende a um perfil específico de adolescente, mas ele está muito mais vinculado à periferia. E se eu for pensar nos processos de morte, são jovens pretos e periféricos ou brancos e periféricos, que o Rio Grande do Sul ele tem esse fator, ele tem o branco periférico, muito evidente quando a gente vê a população pobre branca, ele tem o branco periférico que vai atingir, enquanto com esses outros adolescentes eu vou trabalhar outras coisas, outros processos, e, de fato, eles não vão ser tão atingidos, quem foi atingida foi a menina em detrimento disso. Diferente de um outro ato infracional que é dirigir sem habilitação, que, por exemplo, você ter uma moto, dirigir sem habilitação, sem moto não dirige. Então, três atos infracionais distintos, com três perfis de jovens distintos, a partir de três marcadores sociais. Hoje, a grande maioria são atos infracionais vinculados ao tráfico de drogas ou receptação ou porte de arma ou esses assim. O colega acho que escreveu... **Paulo Francisco da Silva, Pequena Casa da Criança:** Eu queria ver com vocês, com você que faz parte da secretaria, se trouxe assim algum gráfico me mostrando números, como é que está hoje em Porto Alegre? **Davi, Referência Técnica do Serviço de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto:** Tem. **Paulo Francisco da Silva, Pequena Casa da Criança:** Números a questão das infrações, a faixa etária? **Davi, Referência Técnica do Serviço de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto:** Tenho, posso trazer isso. Posso falar hoje, posso trazer em um momento. Falando, essa parte da construção social para mim ela é super importante pra gente compreender o que que é o ato infracional, mas eu sei que eu estou com o meu tempo apertado. Vamos para a medida socioeducativa, que para mim é o que menos... Nesse processo todo, se a gente compreende isso, compreender o operacional é, ó, fácil. Triste é quando a gente sabe o operacional e não faz ideia da construção disso. Mas enfim, existem dois tipos de medida socioeducativa que são aplicadas. Primeiro, eu vou dizer o que que é medida socioeducativa, pode passar. As medidas socioeducativas que são aplicadas, elas são medidas no meio fechado e medidas no meio aberto, tá? As medidas no meio fechado, elas são medidas ali aqui embaixo de internação em estabelecimento educacional, que é a FASE, e internação de semiliberdade. Essas duas medidas estão vinculadas ao meio fechado. O que que determina se um adolescente ele vai para o meio fechado ou para o meio aberto? É a gravidade do ato infracional. Atos infracionais que são de ameaça à comunidade ou de ameaça à vida, como latrocínio, homicídio, as infracionais que são vinculados tentativa de homicídio, feminicídio, transfobia, as infracionais que são de ameaça à vida, eles vão para o meio fechado.

As infracionais que não geram ameaça à vida necessariamente, ou possam gerar, mas num nível menor, eles vão para o meio aberto, como dirigir sem habilitação, tráfico de drogas pode tanto meio fechado quanto meio aberto, dependendo do processo ali de como o adolescente estava com o juiz, porte de arma, roubo, furto, briga na escola, lesão corporal, desacato à autoridade, todos esses vão para o meio aberto. E tem o que não é executado nem em um, nem em outro, que é a advertência, obrigação de reparação de dano. O adolescente pegou, passou aqui na frente, tocou uma pedra, quebrou o vidro. Ele pode ter uma medida em meio aberto, mas ele também pode receber uma advertência. Quando ele recebe uma medida, ele vai para o meio aberto, que é o que eu quero falar aqui. No meio aberto em Porto Alegre, esse adolescente ele tem a medida socioeducativa executada em nove CREAS, em nove regiões da cidade. Partenon, Restinga, Glória, Norte. E esse serviço ele vai executar, então, a liberdade assistida e a prestação de serviços à comunidade. Qual a diferença entre elas? O tempo. A liberdade assistida, ela pode ser até três anos, mas ela é de no mínimo seis meses, e ela é executada dentro do CREAS. O que que é feito dentro da liberdade assistida? A gente constrói um plano individual de atendimento com esse adolescente e, a partir desse plano individual de atendimento, eu consigo construir com ele, com a família e com o técnico de referência, ele, a família e o técnico, a gente constrói, então, um caminho para que ele se desvincule do ato infracional, seja ele qual for. A prestação de serviços à comunidade, a mesma coisa. A diferença é que a prestação de serviços à comunidade, ele cumpre uma vez por semana, quatro horas, em algum serviço. Inclusive, muitas das instituições que estão aqui presentes, os adolescentes eles estão lá cumprindo esta medida socioeducativa. Nenhuma delas os isenta do atendimento social. Se ele tiver indo cumprir medida lá na Amigos da Restinga, ele ainda assim vai ter o atendimento social no CREAS, do assistente social, do psicólogo e advogado. Então, essa medida ela é executada no CREAS, tem uma equipe mínima que atende esse adolescente, que é advogado, assistente social, psicólogo e educador social. Essa equipe então é quem monta o PIA e acompanha ele do início ao fim do processo da medida socioeducativa. Pode passar. Aí, não vai dar tempo, mas ia ser tão legal. Até o adolescente chegar no CREAS ele passa por um processo bem rapidinho. Ele tem a medida socioeducativa, ele é apreendido, quando ele é apreendido ele é, é feito uma representação do Ministério Público, essa representação ela ocorre em conjunto com a Defensoria Pública e o juiz, então, aplica uma medida. Se é o primeiro ato infracional desse adolescente, o juiz pode ofertar algo que se chama remissão. O que que é a remissão? É o seguinte: eu não tenho provas suficientes do teu ato infracional. Eu não tenho. Esse processo

ele precisaria ser julgado. Eu não tenho. Tu queres aceitar uma remissão e cumprir uma LA e PSC, ou tu queres que o processo siga e tu possa vir ou não a ser sentenciado? O que que o adolescente quer? Se livrar. Ele aceita a LA e PSC, na sua grande maioria, e vai para o CREAS. Se ele diz 'não, não quero', tranquilo, o processo sai e daí é ouvir testemunha um, testemunha dois, Ministério Público, Defensoria, e daí depois esse processo sai, vai para a quarta vara que quem determina os julgamentos, e daí é dada uma sentença para ele. E daí essa sentença ele pode ser absolvido ou cumprir medida socioeducativa. E a partir daí é que ele chega no CREAS para o atendimento. Estão dentro deste local e eu classifico muito o tráfico, autores classificam o tráfico como trabalho. O tráfico é vinculado ao trabalho, independente da nossa concepção se o trabalho é honesto ou não. **Carolina Aguirre da Silva, Centro de Atendimento Integrado do Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:** E olha as formas do trabalho infantil. Tem carga horária, porque entra à noite, entra às 20 horas e sai do lugar ali onde eles estão no outro dia, acaba sendo uma jornada. [Falas concomitantes]. É trabalho. Mas qual é a concepção? **Davi, Referência Técnica do Serviço de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto:** Nosso olhar hoje social, do direito, do trabalho, a gente tem que ter em mente... Isso, porque ele é um trabalho criminoso. Mas ele é trabalho, e se ele é trabalho, todo mundo que trabalha, trabalha para obter alguma coisa. Ninguém trabalha de graça. Trabalhar de graça é voluntariado, não é essa concepção de trabalho. A gente trabalha para conseguir acesso a direitos humanos. É isso. Porque eu trabalho para poder ter dinheiro, e o dinheiro eu converto em acesso a direitos humanos. A sociedade que a gente vive, ela é marcada pelo capitalismo, enfim, dentro do seu processo, os direitos humanos eles se dão através da mercadoria. Ter uma roupinha quentinha no inverno de Porto Alegre me impede de morrer de frio. Não morrer de frio é ter acesso a direitos humanos. A roupa quente que eu utilizo, ela vem da mercadoria, da mercadoria que veio a partir do meu trabalho. Ou seja, essa lógica do trabalho com a que impulsiona o acesso a direitos humanos está completamente interligada. O adolescente quando ele trafica, ou seja, ele está trabalhando, ele trafica para ter acesso a direitos humanos. Mas ele é morto. Esta é a contradição. É um trabalho que mata. Da mesma forma com que ele te dá um nível pequeno de acesso a alguns direitos humanos que deveriam ser garantidos de maneira universal e não de maneira geracional como é hoje, ou seja, alguns têm acesso, outros não, outros sim, outros não, o tráfico trabalha essa relação junto com os adolescentes. Então, tem esse processo para conseguir acessar direitos humanos. Mas só isso é suficiente? Não. E em um determinado momento, quando eu estava atendendo um adolescente em uma liberdade assistida, depois a

545 gente vai falar sobre ela, um adolescente super explorado, desses que tinha horário, nem todos,
546 mas esse era dos que tinha horário. Um inverno terrível, podre de gripe, completamente assim,
547 sabe aquilo que vai falar e o pulmão fechando? Ele só respirava e eu escutava o chiado dele
548 daqui, ele estava lá no canto. Mas e aí, fulano? Como é que foi? Como é que estão os teus dias?
549 Enfim, a gente estava se vinculando. E ele: olha, foi ruim, senhor, eu estava no movimento. Eu:
550 pá, nessa condição? Sim, eu tive que estar. Tranquilo. Peguei aquela informação, vai ser o que
551 eu vou denunciar para a polícia no outro dia? Trabalho para a proteção social, que é a minha
552 função. No outro atendimento, eu fui lá e criei: fulano, se eu te conseguisse hoje uma vaga de
553 jovem aprendiz para ti ganhar a mesma coisa que tu ganha, a mesma coisa que tu ganha no
554 apoio do tráfico, só que tu vai trabalhar só 4 horas em uma biblioteca, tu quer? Uma hipótese,
555 porque eu não tenho essa vaga. Ele olhou, ele pensou e ele disse: claro que não, senhor. E era
556 óbvio. Quem iria querer ir para uma vaga de jovem aprendiz em uma biblioteca se ele não tem
557 relação nenhuma com o livro, relação nenhuma com biblioteca, se ele nem sabe como funciona
558 uma biblioteca? Lá ele não vai ter relação e concepção de vida, se ele não vai conseguir
559 estabelecer relações de pertencimento que fazem com que aquele trabalho seja pleno. E o tráfico
560 tem isso. O tráfico, a concepção de trabalho, uma concepção mais crítica de trabalho, uma
561 concepção marxista de trabalho, vai entender que o trabalho é quando eu transformo a natureza
562 e a natureza me transforma. É mais ou menos isso. Eu vou transformar algo, e esse algo vai me
563 transformar. Essa é uma concepção de trabalho que não é alienada. Quando eu penso na relação
564 dos adolescentes com o tráfico de drogas, eu parto dessa concepção de trabalho. Porque, de fato,
565 eles estão vendendo a mercadoria, que é a droga ali na boca de tráfico, só que esse processo de
566 venda tem uma transformação na vida deles, porque dá um status, então eles têm um local, dá
567 um emprego. Coisa que é negada historicamente. Um dos principais fatores que constituem o
568 Brasil é o desemprego estrutural. Tem uma autora, Yvone Dias, que fala sobre o desemprego
569 estrutural como uma marca do Estado brasileiro. O desemprego estrutural foi feito, e
570 principalmente para a população negra. A gente não pode esquecer que por volta de 1930, o
571 Brasil e o Rio Grande do Sul foram bater na porta lá dos portos europeus, em 1910, e dizer o
572 seguinte: ó pessoal, aqui a gente tem posto de trabalho e não tem quem trabalhe. Contou uma
573 mentira para a galera lá, falando venham para cá porque aqui é uma terra de mil maravilhas,
574 que tem trabalho, tem renda, tem tudo. E a gente vai viver em 1930 um boom de um processo
575 de migração alemã, italiana e de outros países da Europa para ocupar esses postos de trabalho
576 que antigamente eram ocupados por quem? Pela população negra, e que foi jogada ao léu para

o processo de desemprego estrutural. Os grandes morros, as grandes periferias, então esse processo histórico é o que também resulta neste ato infracional, porque de fato esse adolescente vai querer então trabalhar. E essa relação de trabalho é tão perversa que tem uma outra categoria que se chama reificação do capital, que é uma categoria que diz o seguinte: as coisas, ou seja, este meu celular aqui, ele toma o meu lugar e eu tomo o lugar dele. As coisas tomam o lugar das pessoas e as pessoas tomam o lugar das coisas. Ou seja, o que é de matéria tem muito mais valor do que a vida. E isso para o adolescente vai ser tão nítido, mas tão nítido, que em uma eventual situação de confronto e alguém quiser ocupar uma determinada boca de tráfico para poder ocupar aquele lugar, vai matar ele. Tranquilamente ele vai ser morto para que aquilo ali seja ocupado. A vida dele não vale nada. A vida dele vale menos do que aquele malote de droga que está ali. Porque, de fato, matam ele e ele também pode vir a matar outras pessoas por conta daquele espaço. Tanto adolescente para adolescentes, tanto também a própria rede de segurança pública, que vão lá para poder tirar uma boca ou recolher não sei quantos quilos de cocaína, tantas pessoas, 100, 120, são mortas. Ou seja, a droga vale mais do que a vida das pessoas e essa correlação está tal qual quando eu posso ser assaltado e me matarem para pegar o meu celular, ou eu para proteger o meu celular matar alguém. Então essa relação de vida e morte e coisificação, que a gente chama, ela está presente dentro do ato infracional. Este é um ato infracional específico, é o tráfico e ele tem um recorte. Quando eu vou falar de outros atos infracionais, por exemplo, um ato infracional que está em alta, crime cibernético, a gente atendeu aí uns três grupos de adolescentes em três regiões diferentes da cidade, em um período de 1 ano, cometeram o mesmo ato infracional. Pegaram um vídeo pornográfico de uma colega, colocaram em uma inteligência artificial, pegaram o rosto dela, colocaram no vídeo pornográfico e disseminaram para toda a escola. Esse é um ato infracional que vai te exigir outros elementos. Primeiro, ele vai ter como base a misoginia, machismo e misoginia é o que ele vai ter como base. Segundo, para mim pegar um vídeo pornográfico e conseguir transformar ele nessa relação de inteligência artificial, eu tenho que ter acesso ao quê? Internet, computador, conhecimento. Esse ato infracional, os três grupos de adolescentes vieram de escola privada. Ou seja, de fato, o ato infracional transcende a um perfil específico de adolescente. Mas ele está muito mais vinculado à periferia. E se eu for pensar nos processos de morte, são jovens pretos e periféricos ou brancos e periféricos, porque o Rio Grande do Sul tem esse fator, ele tem o branco periférico, muito evidente quando a gente vê a população pobre e branca, ele tem o branco periférico que vai atingir. Enquanto que os outros adolescentes, eu vou trabalhar outras

coisas, outros processos e de fato eles não vão ser tão atingidos. Quem foi atingida foi a menina em detrimento disso. Diferente de um outro ato infracional que é dirigir sem habilitação, que por exemplo, você tem que ter uma moto para dirigir sem habilitação, sem moto não dirige. Três atos infracionais distintos, com três perfis de jovens distintos a partir de três marcadores sociais. Hoje a grande maioria são atos infracionais vinculados ao tráfico de drogas ou receptação, porte de arma ou esses assim. Ali, o que é importante pensar, a prestação de serviços à comunidade não é para o adolescente ir lá e fazer atividades que envolvam insalubridade, higienização, trabalhar em cozinha. Por que? Porque esses trabalhos são menos importantes que os outros? Não, esse trabalho não é trabalho para o adolescente. É trabalho de jovem aprendiz que ele poderia fazer. Tem insalubridade, o adolescente não tem que estar envolvido. Ele não tem que estar mexendo com produto de cloroquina, nem com faca. Não, não é. Ele tem que estar fazendo outras atividades: administrativas, organizacionais. Então, o espaço tem que receber ele a partir dessa lógica e pensar que precisa ser trabalhado uma outra concepção de trabalho. Uma prestação de serviços à comunidade bem feita é uma prestação de serviços à comunidade que o adolescente sabe a profissão do profissional que está atendendo ele, como que aquele profissional chegou lá. Eu fico indignado quando eles vão cumprir medida socioeducativa e ele não sabe nem quem estava atendendo ele. O que que ela é? Não sei. Não, o que que ela é? Ela é professora. Nossa, para ser professora, o que que ela fez? Uma faculdade. Fez uma faculdade, dá para ser paga, dá para ser pública, e a função dela é dar aula. Ele é professor de educação física. Tu sabia que podia fazer educação física? Sêrio, senhor? Sim. Isso é uma prestação de serviço à comunidade que tem um nível de relevância social e na construção de subjetividade desse adolescente. Porque a todo momento é isso que a gente está disputando: construções de narrativas subjetivas e sociais com eles. Enfim, daí tem isso, tem a liberdade assistida. Pode passar. Vai passando. Oi? É que eu falo bastante. Pode passar. Mais uma. Na liberdade assistida, o adolescente vai uma vez por semana no Creas, e esta uma vez por semana a gente tem um atendimento de mais ou menos uma hora, na qual a gente consegue, até uma hora. Pode ser menos, pode ser 20, 30 minutos, na qual a gente vai construindo o plano individual de atendimento. Pode passar. Esse plano individual de atendimento é o plano individual de atendimento. Ele é a coisa que eu acho mais importante que vai ter dentro da medida socioeducativa. Porque é a partir desse plano individual de atendimento que a gente vai conseguir firmar uma estrutura de cumprimento de medida com ele. **Carolina Aguirre da Silva, Centro de Atendimento Integrado do Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) –**

Presidente: E ele tem quanto tempo de cumprimento? Mais de 10? **Davi, Referência Técnica do Serviço de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto:** Pode ser. Por que esse plano individual de atendimento existe? Ele existe para que eu, o adolescente e a família do adolescente possamos pactuar o que a gente vai querer de construção até agora. E é muito legal, porque ele é assinado pelo adolescente, pela família e por a gente. Então, o seguinte: não é só o que a mãe e o pai querem, não é, ou a avó, o tio, enfim, não é. Não é só o que o adolescente quer. Não é só o que eu, o técnico social, quero. É o que nós três conseguimos entrar em comum acordo. E fazer esse processo com os adolescentes e as famílias... A mãe: "ele não quer nem estender a cama dele." O adolescente: "eu não vou voltar para a escola." E daí eu: "eu quero que tu vá para a escola." Então, a gente fica nessa mediação, e é nessa mediação que a gente consegue produzir alguma coisa. Esse plano individual de atendimento é o que vai balizar a medida durante todo o período do cumprimento ali. Quando finalizar o cumprimento dele, a gente envia o relatório para o judiciário informando que a medida foi finalizada, e esse adolescente pode ou não ser contraindicado para algum outro serviço do Sistema Único de Assistência Social. O que é importante? O plano individual de atendimento por lei, segundo o Sinase, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, ele tem quatro elementos. O primeiro deles é acesso à saúde, acesso à educação, acesso à documentação e acesso à convivência familiar e comunitária. É em cima desses quatro eixos que eu vou trabalhar o plano individual de atendimento dele. Eu vou fazer a articulação com a saúde, vou pensar em alguns aspectos que façam sentido para esse adolescente, e para isso eu vou utilizar instrumentos. Para isso eu preciso utilizar instrumentos. Contar talvez dois casos que eu acho que são interessantes a gente pensar. É que o mais difícil de trabalhar com o adolescente não é o adolescente que faz enfrentamento. Eu inclusive tive pouquíssimos adolescentes que faziam enfrentamento. Enfrentamento é firmar o desejo, firmar a posição, firmar a opinião. É difícil. A grande maioria deles é o seguinte: "Oi, como tu tá? Tô bem. E a família? Tá lá. E a escola? Aham." Acabou o atendimento. Porque isso, se a gente não tem vínculo, se a gente não consegue estabelecer um processo de vínculo, ele não vai dar acesso à vida dele para mim, que sou uma pessoa completamente estranha e que estou ali como mero executor de um plano de atendimento na cabeça dele. Não, eu estou ali, eu sou a extensão da Fase na cabeça dele. Então, o que que eu vou fazer para que a gente consiga criar vínculo? Eu vou ter instrumentos pedagógicos para isso. Um deles, eu lembro que, e daí a gente tem que ter um feeling, feeling meio freiriano, para quem gosta dessa linha, feeling meio freiriano de conseguir entender a potencialidade do sujeito

673 a partir daquela que ele traz dentro da sua trajetória de vida. Eu atendi um adolescente que o ato
674 infracional dele era tráfico. Era um adolescente que não tinha este dente aqui da frente. Eu não
675 sei o nome desse dente, são dois que a gente tem, esse aqui. Ele não tinha um dos dois dentes.
676 Era um assim que eu olhei e pensei: o tráfico não vai dar, vai morrer. Não conseguia somar,
677 dificuldade de articulação, não tinha o *timing*. Vai morrer se ficar no tráfico. Pensei, vamos
678 pensar, ele já tinha quase, ele ia fazer 18 anos, quarta série, o que que a gente vai pensar?
679 Atividade braçal. É isso, eu não vou ofertar para ele uma vaga administrativa se ele não liga um
680 computador com 18 anos, que não vai passar. Fulano, não sei o quê, para fazer assim uma cópia
681 de um documento, cansaço assim, sabe aquele atendimento que tu tenta extrair alguma coisa e
682 tu sai assim: meu Deus do céu, um rojão, era um rojão para segurar. E não vai dar também. E
683 ele precisando de dinheiro, porque é isso, a vida, o que que tu quer? Quero dinheiro, quero
684 trabalhar. E ele cumprindo medida lá no Cras na época que cumpria na higienização, hoje não
685 faz mais, graças às políticas do Estatuto da Criança e do Adolescente, até que em um
686 determinado dia eu fiz uma linha do tempo com ele. Uma lembrança boa da tua infância? "Ah,
687 quando eu jogava taco na frente da casa da minha avó." Uma lembrança ruim? "Quando os
688 meus pais se separaram." Uma outra lembrança? "Ah, quando eu pescava com o Bagre."
689 Conheci o Bagre. Bagre era o apelido de uma liderança comunitária do extremo sul que tinha
690 um projeto de canoagem, pescaria, mais ou menos lá no Belém Novo. "Ah, tu ia? Aham, senhor.
691 Eu ia." E o que que tu fazia? "Ah, eu pescava, mas eu costurava rede." Pescava, gostava de
692 pescar, costurava rede. Parei tudo, parei tudo o que eu tinha que fazer. Liguei para a Emater:
693 gente, preciso de um contato com os pescadores. Preciso de um contato com os pescadores e
694 vamos tentar vincular a prestação de serviços à comunidade dele com os pescadores. Foi isso.
695 Ele também não ia trabalhar na obra, no tráfico ia morrer, ainda bem que ele entendeu isso, esse
696 era o meu trabalho, dizer "cara, tu vai morrer no tráfico, sai que não dá para ti". Não, não dá
697 para ti. Vamos vincular ele com os pescadores. E daí foi isso. Esse adolescente terminou de
698 cumprir a medida? Não, não terminou, ele evadiu. Ele evadiu da medida socioeducativa. Mas
699 hoje ele trabalha numa barbearia. É isso. A vida tem um pouco disso, mas tem um pouco disso
700 quando a gente consegue enxergar a potencialidade que existe no outro, a potencialidade que
701 existe na vida dele, as suas relações, bem numa perspectiva freiriana mesmo de saber a
702 experiência feita, o que o Paulo Freire traz. Saber a experiência feita, aquilo que está na
703 trajetória de vida do sujeito. Então, conseguir pensar esses processos é a coisa mais interessante
704 da liberdade assistida e da medida socioeducativa. É tu conseguir entender o lugar do

705 adolescente e aonde que ele pode chegar. E por vezes o meu objetivo não é nem pensar no ato
706 infracional dele, era um outro chegou, chamou, daí finalizando, os meus últimos 2 minutos,
707 chamou uma coordenadora de abrigo de mais de 25 palavras, assim ele deve ter colocado no
708 seu repertório palavras existentes e falou. **Carolina Aguirre da Silva, Centro de**
709 **Atendimento Integrado do Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:** Seis, eu me
710 lembro. **Davi, Referência Técnica do Serviço de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto:**
711 E leu em ordem. E daí a coordenadora foi lá processou ele, aquela coisa toda, foi cumprir
712 medida. Um jovem que estava desde os 15 anos vivendo situação de exploração, desde os 13
713 anos vivendo situação de exploração sexual. Foi acolhido, foi para a região central, ampliou a
714 exploração sexual, contraiu o HIV com 15 anos a partir desses movimentos de violência e
715 exploração sexual, estava sem tratamento, chega para a gente com 17 anos para cumprir uma
716 medida socioeducativa por desacato. Eu queria assim, ó, eu não tenho palavras. É isso, chego
717 para atender, ele vira o olho na hora, na hora ele vira o olho para cima. Daí eu pergunto: tá com
718 dor de barriga? Porque o banheiro é ali. Ele para, me olha, me olha sério e ri. Então, nós temos
719 um vínculo. O meu objetivo inteiro com esse jovem era que ele conseguisse fazer o tratamento
720 do HIV e se tornasse indetectável e descobrisse que ele não ia transmitir HIV para ninguém
721 porque ele estava indetectável e que ele poderia ter uma vida normal. E foi pesquisando, e
722 YouTubers que viviam com HIV e falavam sobre isso e tinham uma vida plena, jovens, e a
723 gente trabalhou muito isso. Nossa, eu tentei levar ele para o local de atendimento do HIV umas
724 5, 6 vezes, ele não ia, ele dormia na casa de parente, ele dizia... Assim, ele me enrolou de tudo
725 que é forma. Até que um dia a gente conseguiu, depois que a gente foi numa aula de teatro, a
726 gente conseguiu e ele iniciou o tratamento. Não sei como tá, não finalizou, mas de fato por
727 vezes a medida socioeducativa é pensar novas trajetórias de vida para esses jovens. Acho que é
728 isso sim, e que a gente possa lembrar que o adolescente ele é um ser em desenvolvimento, que
729 ele tem potencialidades, que ele é difícil, que ele toma escolha também, toma várias escolhas e
730 ele tem que arcar com as responsabilidades das escolhas dele, mas que muitas escolhas também
731 não foram tomadas por eles, vem de uma construção social, sócio-histórica. E sobre números,
732 temos 189 adolescentes hoje no município de Porto Alegre em meio aberto, a grande maioria
733 são atos vinculados ao tráfico, abuso sexual envolvendo ciberabuso, compartilhamento de nude,
734 bom, tudo, e atos infracionais vinculados a lesão corporal. São os três grandes atos infracionais
735 hoje dentro do município de Porto Alegre. A gente vem com uma redução gigantesca de
736 adolescente em cumprimento de medida socioeducativa. Nós tínhamos há 10 anos atrás mais

737 de 1.500, e hoje a gente tem 189. Então, a gente pode falar com uma redução de mais de 90%
 738 desses adolescentes. Esta redução ela vem a nível nacional, ela é a nível nacional. Os
 739 adolescentes não pararam de cometer ato infracional, então isso, o ato, acredito que seja isso.
 740 Alguns estão morrendo, mas eu não posso afirmar que todos estão morrendo porque a gente
 741 vem nos últimos 3 anos tendo uma queda no nível de mortalidade juvenil, embora ele seja alto,
 742 ele está em queda, não está em aumento. E esse processo de queda possa me indicar alguma
 743 coisa, que eu acho que pode me indicar, e também tem uma pesquisa que fala sobre isso, é que
 744 o processo, o problema está na apreensão desses adolescentes. **Carolina Aguirre da Silva,**
 745 **Centro de Atendimento Integrado do Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:**
 746 Eu só queria tirar uma dúvida com você, se esses 189, eles estão cumprindo medida nos Creas?
 747 **Davi, Referência Técnica do Serviço de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto:** Nos
 748 Creas. Por exemplo, se a gente tem 189, se a gente tem uma redução de 90%, de 90% dos
 749 adolescentes, a gente então quando vai encaminhar eles para a medida de prestação de serviços
 750 à comunidade, se tu encaminhava 10, tu vai encaminhar 1. E daí vai ter uma redução. Pode
 751 ocorrer isso, a grande maioria das razões que não estão recebendo é por causa da diminuição.
 752 Eles estão indo ou para outras ou tu centraliza em uma, porque tu não vai deixar de, por
 753 exemplo, adolescentes em 20 instituições, tu pode deixar em duas, três e fazer ali um trabalho
 754 mais focalizado. **Carolina Aguirre da Silva, Centro de Atendimento Integrado do Morro**
 755 **da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:** Alguma dúvida, gente? Algo a contribuir? **[Sem**
 756 **identificação]:** Davi, quanto tempo é o mínimo de uma medida? **Davi, Referência Técnica do**
 757 **Serviço de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto:** A medida de LA ela é no mínimo 6
 758 meses. É que assim, eu nunca vi uma medida socioeducativa sendo aplicada a mais de 6 meses.
 759 Nunca vi. Isso no meio aberto, 6 meses, e a medida de PSC normalmente de 4 semanas até 6
 760 meses. A LA pode ser prorrogada, mas nunca é. E a de PSC ela é até 6 meses, e a outra é no
 761 mínimo 6 meses. No meio fechado, 3 anos. Segue até 21 anos. **Carolina Aguirre da Silva,**
 762 **Centro de Atendimento Integrado do Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) –**
 763 **Presidente:** Então tá, Davi, muito obrigada. **Davi, Referência Técnica do Serviço de Medidas**
 764 **Socioeducativas em Meio Aberto:** Eu que agradeço. **Sônia Silvestrin, Secretária Municipal**
 765 **de Saúde – SMS:** Carol, eu gostaria de fazer uma fala. Dizer que, se vocês se lembram, eu já
 766 trouxe aqui em vários momentos a fala da PNAISARI, que é a Política Nacional de Atenção
 767 Integral à Saúde de Adolescentes em Conflito com a Lei. E a PNAISARI destina para a
 768 Secretaria de Saúde recursos mensais para trabalhar com esses adolescentes que cumprem

medida. Para que a gente faça uma parceria a partir da Secretaria de Saúde, que o dinheiro vem para o fundo municipal, mas que a gente possa olhar para a rede e ver com os nossos parceiros que cuidam desses adolescentes em cumprimento de medida como que a gente pode alocar esses recursos para reverter em cuidados para esses adolescentes. Se vocês se lembram, eu já trouxe aqui também o projeto que a gente todo ano desenvolve, um plano voltado para os adolescentes em cumprimento de medida de meio fechado, na Fase. Então, a gente tem um trabalho grande lá de formação para os profissionais que trabalham lá dentro da Fase e também para os adolescentes. Esse último ano de 2025, nós fizemos dezenas de oficinas de teatro e de música com esses recursos. Se elaborou um documento final que vai ser disponibilizado, está em diagramação agora nas próximas semanas, onde então os profissionais da Fase, eles vão poder desenvolver essas oficinas eles mesmos nos espaços que eles já têm lá dentro. E aí pensando nesse financiamento, a gente está estendendo esse olhar, né, Davi? Estendendo esse olhar de cuidado para os adolescentes agora para o meio aberto, que a gente vem há vários anos fazendo trabalho no meio fechado. E aí há algum tempo, o Davi vem provocando a gente, "quando é que nós vamos entrar nessa nessa?" Então, a gente já está com o projeto, já fizemos uma parte dele, um início da primeira fase que é de escuta dos Creas, o pessoal da área técnica fez todo um levantamento das características dos Creas, e agora nós elegemos quatro Creas a partir desse diagnóstico, que vão ser o nosso piloto para fazer um trabalho com as equipes dos Creas para fazer esse acolhimento dos adolescentes que o Davi trouxe também, a escuta, permitir que eles se coloque, oportunizar que eles também se vejam naquele cumprimento da medida, o que faz sentido. Então, a gente está nessa construção que então eu acho que é altamente uma devolutiva para as equipes se reforçarem no trabalho que elas vêm fazendo. Então, só para vocês saberem que a gente também está fazendo esse movimento de rede para que a gente consiga potencializar esse trabalho duro, mas necessário dos Creas voltado para esses adolescentes. E também pensando que quando a gente qualifica as equipes dos Creas, a gente não qualifica só para cuidar desses adolescentes, mas sim para que eles também tenham outro olhar para todas as pessoas que acessam os Creas. Quando eu me qualifico, eu me qualifico para cuidar das pessoas que eu estou olhando. Então, só queria trazer para vocês também esse conhecimento de que a gente vem mobilizando a rede nesse sentido. **Carolina Aguirre da Silva, Centro de Atendimento Integrado do Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:** Tarsila, contigo. **Tarsila Rorato Crusius, Secretaria Municipal de Educação - SMED:** Eu quero agradecer, Carol, pela oportunidade. Eu acho que vai ser riquíssimo. A gente é o Conselho Municipal dos Direitos

801 da Criança e do Adolescente. Nós vamos pegar a primeira infância, que é onde as coisas
802 começam hoje, e nós vamos terminar. Quer dizer, nós fizemos um pouquinho inverso, mas nós
803 estamos pegando todo esse, a gente vai fazer o caminho, acho que a gente vai enxergar os teus
804 adolescentes nesse caminho aqui. Eu estive ontem em Brasília, onde foi feito o lançamento
805 dessa pesquisa internacional: Aprendizagem, Bem-Estar e Desigualdades na Primeira Infância
806 em Três Estados Brasileiros. Ela é internacional por quê? Porque é uma metodologia que foi
807 implementada e está tudo tudo nesse documento que está colocado aqui. Eu não vou me deter
808 muito em explicações de metodologia e tal, mas eu estou muito feliz com essa pesquisa. Vocês
809 não imaginam o quanto eu estou feliz com essa pesquisa, porque apesar de ela dar um olhar
810 para as questões de aprendizagem, ela vai olhar para essas crianças de 5 anos de idade que estão
811 frequentando a educação infantil. Então, ela tem questões metodológicas que são limitantes, se
812 precisa de crianças que não estão frequentando o centro de educação infantil não estão aqui.
813 Mas foi feito um trabalho de pesquisa extremamente qualificado. E por isso, o que eu vou
814 sugerir é que assim, a gente tem 158 páginas nesse estudo. Então, assim, que tivessem
815 dificuldade de passar 46, então assim eu já combinei com a Carol, que a gente vai pedir um
816 iFood aqui, que a gente vai ficar até às 10 horas da noite. Brincadeira, tá? Ele está muito bem
817 apresentado esse estudo, porque é uma quantidade imensa de dados e é uma metodologia
818 extremamente qualificada de escuta de uma por uma dessas crianças, 15 crianças em cada
819 escola, desses três estados, isso aqui no Brasil, foram três estados. E apesar de essa pesquisa,
820 quando a gente diz internacional não quer dizer porque o objetivo dessa pesquisa não é fazer
821 uma comparação, como é que é no internacional, porque não é no internacional. São alguns
822 países, Azerbaijão, Inglaterra, o Brasil foi o único da América do Sul que fez parte dessa
823 pesquisa. Ela está apresentada com muitas imagens, ela tem muitas informações, então vou
824 fazer um recorte rápido de algumas questões que estão no estudo muito claros, e de algumas
825 questões que foram trazidas ontem na nas discussões desse seminário. Então, vou pedir para ela
826 passar, mas assim eu já vou dizendo mais ou menos: é o International Early Learning and Child
827 Well-being Study, que é o estudo internacional sobre aprendizagem precoce, porque é 5 anos.
828 Não foi feito testes e tal, porque teve um trabalho de que esses pesquisadores foram brincar com
829 criança por criança e eles fizeram uma escuta de pais, fizeram escuta de professores, então está
830 riquíssimo. E o que me chamou muita atenção, e aí, Davi, eu vou começar essa apresentação
831 dizendo assim: a gente, eu que estou agora à frente da política municipal da primeira infância,
832 o bebê pequenininho não grita, assim ele não chuta os amiguinhos, ele até chuta na escolinha,

mas volta para casa e resolve, começa a dar problema na educação básica, e aí quando chega lá no público de Davi, eles já estão cometendo ato infracional, eles já têm a dificuldade de controle de impulsos, uma série de questões, mas o mais importante: essas desigualdades, elas começam aqui, no começo. E nós não estamos brigando por recurso, mas nós estamos brigando por recurso, o que que é isso? Nós precisamos achar o recurso humano, recursos financeiros para estar trabalhando e trabalhando bem o recurso aqui, assim, pactuando entre nós, para que as medidas socioeducativas, elas tragam os seus resultados, para que a sociedade veja esse adolescente de forma diferente. Mas também nós estamos pensando na agenda pública da primeira infância e nós precisamos enxergar com um outro olhar. Qual é o olhar dessa pesquisa? Não se pode falar em igualdade e promoção de equidade, de igualdade de condições, sem falar numa coisa que a gente ainda não sabe muito bem como medir, como trabalhar, mas essa questão que se chama parentalidade. Parentalidade. E aí a gente vai ver por quê. Ceará, Pará e São Paulo, com uma participação muito significativa, porque eles não foram simplesmente bater de escola em escola, eles fizeram um sorteio metodologicamente, e tiveram a participação de mais de 91% das escolas, e algumas escolas que não tiveram a participação é porque, quando fizeram o sorteio, não tinham percebido que já não tinha mais educação infantil, ou que não tinham 15 crianças na faixa etária de 5 anos, então muitas escolas foram eliminadas não porque não quiseram participar. Os pais quiseram participar, os professores participaram, todos eles foram escutados. Olha só que bacana! Foram avaliadas, então, três áreas do desenvolvimento. A das aprendizagens fundamentais, isso é importante entender. Como é que está a criança na literacia emergente e na numeracia emergente? Não se ela sabe ler e escrever, mas se ela tem o desenvolvimento de habilidades, de capacidades básicas que depois vão poder se desenvolver como compreensão de leitura, de linguagem, de vocabulário, etc. Numeracia, se ela tem as estruturas que depois elas vão se refletir em facilidade ou dificuldade com as matemáticas, com o volume, com números e que vão ou não ajudar essa criança depois na escola a se sentir pertencente e entender aquele conjunto de conteúdos e aonde que eles podem te levar. Mas as funções executivas foram avaliadas e aí vocês prestem bastante atenção no que que são entendidas as funções executivas. Memória de trabalho, controle inibitório e flexibilidade mental. E também as habilidades socioemocionais: empatia, identificação de emoções próprias e dos outros. Eu tenho empatia, eu sinto, eu entendo o que o outro está sentindo? Eu identifico, eu consigo nomear? Confiança, confiança não em si, confiança nos adultos, nas instituições que cercam, na sociedade em que ela vive. Comportamento prossocial, comportamento disruptivo,

865 não disruptivo. Vê se é isso aí só. Isso, tá? Então, essas foram as coisas que foram avaliadas, é
866 muito difícil avaliar isso. Por isso a riqueza, a gente não tem dados sobre isso nem nacional,
867 nem internacionalmente. 25, por favor. Então assim, eu vou passar alguns slides, mas o que que
868 eu vou pedir para vocês? Não olhem esse estudo. Peguem uma hora, no mínimo, para olharem
869 esse estudo. Essa publicação está maravilhosa. E eu vou com essa publicação nos conselhos, eu
870 vou com essa publicação nos secretários, eu vou levar essa publicação, por quê? Que a primeira
871 infância, o adolescente está dando trabalho há mais tempo, a gente tem, para o bem e para o
872 mal, muita luz em cima dos adolescentes e os adolescentes envolvidos, falei. E a primeira
873 infância está jogada ali, se tem creche está bom. Eu sou uma que vou ter que trabalhar muito
874 nisso. Então, as características do centro de educação infantil, aqui as crianças que foram
875 escutadas, tá? E os recortes que vão sendo feitos. Aí você vai ter os recortes sociais, mas você
876 vai ter também uma avaliação sobre elements de aprendizagem do meio, como o meio, o
877 ambiente de aprendizagem em casa, o ambiente de aprendizagem em casa como o meio dá para
878 essa criança ou não dá as condições para ela desenvolver as suas potencialidades. Então o que
879 nós tivemos foi como as crianças de educação especial, porque elas estavam em 4,1% na
880 amostra sorteada. Tivemos crianças do Bolsa Família, enfim. Então, eu vou agora passando,
881 são muitas, muitas, muitas informações. Mas eu vou destacar algumas para a gente estar
882 conversando. 33, por favor. A gente vai encontrar, obviamente, aquilo que a gente já sabe que
883 ia encontrar. Crianças pretas, pardas, brancas e as suas questões, condições de desigualdade em
884 todos os as áreas estudadas. Crianças do Bolsa Família com maiores desvantagens do que as
885 crianças de nível socioeconômico baixo que não são do Bolsa Família e essas em piores
886 condições e com maiores desvantagens do que as crianças em melhores condições sociais,
887 porque as escolas foram públicas e privadas, tá? Então, o que que nós encontramos aqui? E
888 apesar de o objetivo não ser a comparação entre os países, é importante a gente se enxergar.
889 Então, se tu vai olhar aqui, ó, média, o que que diz? 500 é a média internacional. 500 é a média
890 internacional. Então, quando a gente está acima de 500, a gente está melhor ou parecidinho com
891 a média internacional, nossas crianças. E quando a gente está abaixo de 500, a gente está pior
892 do que a média internacional. Então, o que que a gente encontrou? No total, nós temos aí nas
893 nossas crianças uma paridade com o nível com as crianças que foram pesquisadas nos outros
894 países. Mas na numeracia nós estamos levando um baile. Olha aí, a gente vai ver o quê? Isso
895 aqui é a média internacional, nós estamos abaixo da média internacional. Então, as diferenças
896 das nossas crianças, elas chamam a atenção na parte da numeracia, de forma geral. Tem muita

coisa explicada, tá, mas eu vou ter que jogar muita informação porque são 158 slides com muitos dados. E aí pode passar para o 41. Em primeira área: numeracia e literacia. Questões de compreensão, de fundamentos que depois vão se expressar na linguagem, na compreensão de texto, e na numeracia, na matemática, em toda essa parte aí de relação com o mundo da matemática. Literacia emergente por nível socioeconômico: alto, nós temos 521, estamos acima da média mundial. Da mundial não, né, do internacional. Internacional é 500. Todas as médias são 500. Na literacia então nós temos o nível socioeconômico baixo com uma diferença significativa, e o nosso nível socioeconômico alto também com uma diferença significativa em relação à média, pode subir. E na numeracia nós estamos abaixo em todos os níveis socioeconômicos. Todas as nossas crianças estão abaixo na numeracia, mas é claro que as crianças de nível socioeconômico baixo... E aí você faz toda uma pesquisa de quais são as vivências que as crianças têm que ter para desenvolver a numeracia. Elas não estão assim por nada, elas estão assim porque os seus ambientes de aprendizagem, dentro da escola e fora da escola, não estão promovendo as condições para elas desenvolverem numeracia e literacia. 45. Ó, a gente está passando um monte. E aí, obviamente, um pouquinho mais para cima, Bolsa Família em literacia, Bolsa Família e não Bolsa Família numeracia. Nós estamos abaixo, mas assim, quando você vai falar de Bolsa Família, você tem uma desvantagem ainda maior. 49. Literacia emergente por cor e raça. Raça branca, raça parda e raça preta literacia. Branca está acima, parda na média, e preta abaixo da média. Numeracia: raça branca acima, raça parda menor, e raça preta ainda menor. O que que isso representa? Tudo isso que a gente está falando de numeracia e literacia, a gente está falando de condições que o meio está dando para essa criança desenvolver as bases para lidar com linguagem, número, etc. E isso vai envolver os outros dois as duas outras duas áreas que a gente está falando e eu acho que é muito significativo o que vai vir daqui para frente. 53. Aí nós estamos falando das funções executivas. O Brasil, as crianças brasileiras ficaram muito abaixo de todos os países nas funções executivas. Memória de trabalho: a nossa média foi 468, e aí a gente vai ver desvio padrão ele te dá uma noção do quão diferente o desvio padrão ele vai te dar assim: numa média, o quão longe da média nós estamos. Então, nós temos um desvio padrão de 86, diferença para a média internacional 32 pontos na memória de trabalho. Controle inibitório: menos 47 pontos, ou seja, nossas crianças não estão vivendo em ambientes que ajudem ela a controlar os seus impulsos, a se relacionar socialmente sem violência, sem agressividade, mediados por uma linguagem, mediados pelas relações sociais. O que regula a nossa impulsividade? É o meio. Tu tem um temperamento, mas

929 o meio ele vai te dar as ferramentas para lidar com isso. Flexibilidade mental também é como
930 você consegue lidar com os desafios e encontrar soluções alternativas. Eu não vou por aqui,
931 mas por onde eu posso ir? E dali a pouco isso tudo tem relação com o neurodesenvolvimento.
932 Então assim, nós estamos lá embaixo nas funções executivas. Nossas crianças, pelo menos
933 desses três estados... [Falas concomitantes]. Mas nós estamos falando de crianças de 5 anos,
934 que muitas delas recém estão entrando na escola, entraram há pouco, todas elas frequentam. E
935 aí de quem é a responsabilidade de dar a essa criança um ambiente de aprendizagem, um
936 ambiente extra-aprendizagem, ou seja, em casa, que dê para ela, que crie nela, um ambiente que
937 crie as condições para ela desenvolver essas ferramentas para desenvolver essas ferramentas,
938 tá? 58. Resultados por nível socioeconômico. Vamos voltar, só vou mostrar, isso tudo essa aqui
939 não é uma apresentação de slides, esse é o relatório que a Carol acabou de postar, então vocês
940 têm acesso a tudo isso. Não vamos ter surpresa: nível socioeconômico alto maior em memória
941 de trabalho, maior controle inibitório, maior flexibilidade mental, tudo abaixo da média do que
942 a gente encontrou nos outros países. Ou seja, é social, é nosso, é da nossa realidade. Nós, de
943 alguma maneira, estamos falhando com as nossas crianças como sociedade, tá? E quando a
944 gente vai falar médio alto, médio baixo, baixo, nós vamos ver a escadinha, sem nenhuma
945 surpresa, sempre abaixo da média desses outros países. 60. Por sexo nós temos as nossas
946 meninas com as funções executivas melhor, pelo temperamento, pela criação, ainda mais baixo,
947 mas as nossas meninas estão tendo um desempenho melhor, não muito melhor, mas melhor do
948 que os meninos. 61. E por raça-cor, olha só, nós vamos ter as crianças brancas tendo um
949 desempenho melhor do que as crianças pardas, e essas melhor do que as crianças pretas. O que
950 que eu queria colocar sobre isso? Vamos lembrar, isso tudo é medido porque são funções
951 fundamentais que precisam acompanhar essas crianças tanto na escola quanto na vida social,
952 quanto num jogo, quanto no esporte, quanto na cultura. É isso, você está num esporte você tem
953 que seguir regras, você está num ambiente cultural você tem regras sociais que você precisa ter
954 ferramentas internas que você precisa estar ter desenvolvido para estar presente nesses espaços.
955 Vamos lá, elas já vão chegar na pré-escola com essas desvantagens. E como é que elas vão
956 chegar na primeira série, segunda série? Essas essas desvantagens vão se manter? Elas vão se
957 endereçar ou elas só vão se agravar? O que a gente está vendo é que a escola lá depois também
958 não está dando conta desse déficit, dessa defasagem. 66. E agora nós vamos para o terceiro, que
959 são as habilidades socioemocionais. E aí, Davi? Eu vi muitos teus adolescentes aqui. Olha como
960 é que nós estamos na confiança. A confiança é a confiança não em si: "Ah, eu tenho muita

961 confiança em mim", não. É no meu meio, se nas minhas instituições, nos adultos que me cercam.
 962 Está lá embaixo, comportamento prossocial, e o comportamento não disruptivo. A grande coisa
 963 aqui que aparece, com maior com maior ênfase, é o comportamento não disruptivo e a confiança
 964 nas instituições e que está muito abaixo. Onde está menos de 500, vocês já entenderam.
 965 Comportamento prossocial também está abaixo. Vamos passar meio rápido aqui. 72. Esse foi
 966 um estudo conduzido pela OCDE, que é um estudo muito caro de conduzir. Porque o
 967 pesquisador, quando identifica, a escola aceita, os pais aceitam que ali seja feita essa pesquisa,
 968 esse pesquisador vai por um período de meia hora, 1 hora, criança por criança, trabalhar
 969 ludicamente, sabe? É na brincadeira, é no fazer pedagógico, no brincar, com um profissional
 970 muito bem treinado que vai propor alguns desafios. Ela também vai parar se tiver que parar.
 971 Vale a pena olhar esse. Então, uma coisa: por nível socioeconômico, aí passa bem rápido.
 972 Empatia por nível socioeconômico. Confiança por nível socioeconômico. Tudo a gente vai ver
 973 por nível socioeconômico. As desvantagens, pode passar. **Carolina Aguirre da Silva, Centro**
 974 **de Atendimento Integrado do Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:** Esse é o
 975 documento que você mandou para a gente? **Tarsila Crusius, Secretaria Municipal de**
 976 **Educação – SMED:** Esse é o documento. Então, eu estou pedindo para passar rápido. Mande
 977 para você no WhatsApp. Aqui, média, diferença padrão entre meninas e meninos. Isso é muito
 978 bom. Vamos parar um pouquinho mais aqui. Empatia, identificação das emoções: meninas, 507;
 979 meninos, 477. Atribuição de emoções: meninas, 510; meninos, 491. Nós estamos vendo esses
 980 meninos muito cedo. Confiança: meninas abaixo, meninos ainda mais abaixo. Comportamentos
 981 pró-sociais: as meninas, 507, e os meninos, 467. E o comportamento não disruptivo: meninas
 982 abaixo, mas acima dos meninos. Então, nas habilidades socioemocionais as meninas também
 983 estão desempenhando melhor, e a gente vai ver isso. Mas isso vai lá dentro do começo. Que
 984 página eu estou? 75? Vai para a 76, 77, 78. 76. Atribuição de emoções por cor e raça, está ali,
 985 e também todas essas habilidades socioemocionais por cor e raça. Aqui vai passar um
 986 pouquinho. Nós temos um empate técnico aqui. Identificação de emoções por cor e raça. Nós
 987 temos mais proximidade, menos diferença por cor e raça até entre raça e cor do que a gente
 988 tinha entre meninos e meninas e nível socioeconômico. Mas continua tendo uma tendência.
 989 Comportamento pró-social, raça preta, olha que bacana, 503, raça branca tem menos, está
 990 desempenhando menos. Pode passar. Confiança. Enfim, o pró-social é isso: pontuação melhor,
 991 maior, melhor. Sempre isso, tanto que é comportamento não disruptivo. Por isso que não é
 992 comportamento disruptivo, é não disruptivo, então, maior, melhor. E aí, a partir do 91, como

993 eles se relacionam, 91 por favor. Vamos pular bastante aí que tem muita coisa para olhar. Aí
 994 nós temos a parentalidade. Atividades do indicador de ambiente de aprendizagem em casa.
 995 Vamos lá. Ler para a criança: nível internacional, 53,9. No Brasil, 14! Aí você vai dizer o quê?
 996 'Mas é porque no Brasil se estudou muita criança de baixa renda com pai que não tem livro em
 997 casa'. Quando forem fazer o recorte... As crianças de baixa renda que os pais não têm livro em
 998 casa, que não têm livro a dispor, liam ainda menos. Mas mesmo os com acesso e que continuam
 999 não reconhecendo a leitura como importante, muito atrás dos nossos níveis socioeconômicos.
 1000 Está aqui as diferenças mais importantes. Ler para a criança: grande. Vamos lá, média:
 1001 conversar sobre sentimentos. Olha, nós até que não estamos mal, não é? **Sônia Silvestrin,**
 1002 **Secretaria Municipal de Saúde – SMS:** Mas nós fomos 20. Nós fomos 20. Eu acho 20 baixo.
 1003 **Tarsila Crusius, Secretaria Municipal de Educação – SMED:** Não é um terço? No caso, é
 1004 56% conversam sobre sentimentos 3 vezes ou mais por semana com crianças. Está tudo aí. E é
 1005 importante. Cantar músicas e poemas, músicas, poemas, não é só a questão da cultura, que aí
 1006 nós temos a Secretaria Municipal da Cultura que está no nosso comitê, por quê? Músicas e
 1007 poemas não só transmitem cultura, saberes, transmitem ritmos, trabalha numeração. Nós
 1008 também temos uma bela diferença. Outra: brincar com números. Contar histórias sem livros. E
 1009 aí nós vamos ter: fazer atividades com números, atividades com letras, fazer atividades fora de
 1010 casa, desenhar, tudo isso foi medido. Brincar de faz de conta. Atividades digitais educativas.
 1011 Isso depois vai aparecer. E eles pediram, e a gente vai falar sobre isso, se as crianças têm acesso
 1012 à tablet, telas e tal, quantas vezes por semana. **Sônia Silvestrin, Secretaria Municipal de**
 1013 **Saúde – SMS:** Tem? **Tarsila Crusius, Secretaria Municipal de Educação – SMED:** Tem.
 1014 Aí é uma outra discussão que eu adorei e é a cultural, mas a gente vai chegar lá. Vai um
 1015 pouquinho mais para cima. Atividade especial de custo extra. Pode passar um pouquinho, por
 1016 favor. Ir à biblioteca. Já no Brasil não vão mais à biblioteca. Nós estamos na 91. 92 pode, 92
 1017 em diante, a gente só vai passando, vai passando assim até chegar no 98, atividades de ambiente
 1018 em casa, até a 98. 98. Então, assim, por partiu no ambiente de aprendizagem em casa. Então, a
 1019 literacia emergente, nível alto, médio, baixo, pode ir passando. Tudo isso tem aí. Numeração,
 1020 vai, função executiva de partiu pelo ambiente, nível alto sempre mais alto. E vai, isso, e aí vai.
 1021 Agora eu queria que você me colocasse na 105. Uso de tecnologias faz diferença. Aqui.
 1022 Frequência do uso de dispositivos digitais pelas crianças todos os dias: 50,4. **Sônia Silvestrin,**
 1023 **Secretaria Municipal de Saúde – SMS:** Isso aí é o resultado geral de todo o estudo? **Tarsila**
 1024 **Crusius, Secretaria Municipal de Educação – SMED:** De todas essas famílias. **Sônia**

1025 **Silvestrin, Secretaria Municipal de Saúde – SMS:** Mas não só do Brasil? **Tarsila Crusius,**
1026 **Secretaria Municipal de Educação – SMED:** Só do Brasil. O que eles acharam? E aí vai uma
1027 questão da nossa cultura. Nos outros países ficou claro um padrão. Também 46% a média dos
1028 outros países todos os dias ou quase todos os dias crianças de 5 anos, gente. Nos outros países
1029 ficava muito claro: crianças de nível socioeconômico mais alto tinham menos acesso às telas,
1030 crianças de nível socioeconômico mais baixo tinham mais acesso às telas. No nosso país não
1031 tem diferença. E aí, por quê? Quando a gente vai falar de controle de impulso, comportamento
1032 pró-social, quando a gente vai falar de comportamento não disruptivo. Flexibilidade mental.
1033 Isso o uso de telas está diretamente associado. E aí nós vamos indo até o 118, porque o 118 vai
1034 continuar dando informações maravilhosas que vão nos ajudar quando a gente se debruçar sobre
1035 isso para pensar o que nós queremos para as nossas políticas da primeira infância. Se nós não
1036 enfrentarmos algumas dessas questões, não é no PIN. É na atenção primária, é na escola, é no
1037 serviço de fortalecimento de vínculos. Quer dizer... O PIN tem uma marca que eu já ouvi muitas
1038 vezes falar: é aquele programa que ensina o pai a ser pai, falando isso com um tom negativo. E
1039 eu muito me lembrei ontem que, no início dos anos 2000, eu estava trabalhando no Ministério
1040 da Saúde, ao lado do programa de alimentação e nutrição, que estava incentivando o aleitamento
1041 materno. E uma das coisas que se dizia era: 'as mães mais humildes são as que mais gastam com
1042 fórmulas, porque a autoestima delas é tão baixa e elas querem dar tudo de melhor para os seus
1043 bebês, que elas dão as fórmulas porque elas acham que aquilo é melhor para o bebê do que o
1044 leite'. **Sônia Silvestrin, Secretaria Municipal de Saúde – SMS:** É não valorizar o cotidiano.
1045 A mesma coisa acontece com as crianças no dia a dia. **Tarsila Crusius, Secretaria Municipal**
1046 **de Educação – SMED:** E acontece com as telas. Porque, deixa eu concluir: tem mãe que diz
1047 'mas eu coloco no programa educativo'. Eu não tenho nada para ensinar para o meu filho porque
1048 eu sou ignorante, sou analfabeta, não sei ler, não sei escrever, não sei fazer conta, mas ali no
1049 programa educativo. E aí nós temos que dar informação para essas mães, aumentar a autoestima
1050 delas, a importância que tem quando ela conversa, quando ela olha desde a barriga. Então nós
1051 temos aqui muitos elementos, mais do que eu consigo descrever, porque eu recebi isso na sexta-
1052 feira. É a mesma semelhança que tem com aquela história dos andadores, que foi assim que os
1053 pediatras só faltavam se jogar no chão para dizer para as pessoas 'não deem andadores para as
1054 suas crianças'. E a última faixa social que desistiu, ou se desistiu, dos andadores foram realmente
1055 os mais pobres. Os andadores são uma coisa linda de maravilhosa, os númerozinhos com
1056 coisinhas, com elementos brilhantes, barulhentos, chocalho que quebra porque faz muito

1057 barulho, mas assim era muito lindo de maravilhoso, mas aquilo fazia mal para a criança. Fazia
 1058 mal para todo o desenvolvimento da criança. E aquilo era o de mais maravilhoso. Você chegava
 1059 numa casa ali com toda a... e a família tinha aquilo porque o bebê estava andando naquilo que
 1060 era maravilhoso, 'olha só que bonito'. Meu filho mais velho não teve, mas agora o bebê tem,
 1061 está andando, está aqui. 'Ele não está engatinhando, não está isso, não está aquilo, mas está aqui
 1062 pendurado desse jeito no andador ou no cercadinho'. Totalmente errado de desenvolvimento,
 1063 porque é um investimento que a família entende que é o de melhor que pode oferecer. **Sônia**
 1064 **Silvestrin, Secretaria Municipal de Saúde – SMS:** Que é o que muitos pais se frustram porque
 1065 não podem dar aquela boneca, aquele brinquedo... Vocês já viram os preços dos brinquedos? É
 1066 impraticável. E aí o PIN vai lá na casa e junta tampinhas, caixas de papelão e outras, e com isso
 1067 a gente pode brincar de contar, pode brincar de empilhar. Não precisa tecnologia para brincar
 1068 com crianças até 5, 6 anos, basta ter criatividade e tempo. Criança demanda tempo, que é o que
 1069 a gente faz no PIN. Vamos sentar no meio da sala e vamos brincar com a criança. E eu pergunto
 1070 para vocês: no dia a dia das famílias que a gente conhece, e eu falo de pessoas que têm
 1071 conhecimento e que têm acesso à informação e a um ambiente adequado, quem hoje chega em
 1072 casa do trabalho e se senta na sala para brincar com a criança de 2, 3 anos? Vamos fazer uma
 1073 enquête. As respostas estão ali. Ler então nem pensar, se eu estou podre, estou dormindo em
 1074 pé, como é que eu vou ler para a criança, vou dormir junto. É mais ou menos isso. Então, acho
 1075 que a gente vai ter que resgatar algumas coisas, ainda mais porque hoje a maioria das famílias
 1076 tem só um filho. E antes as crianças brincavam juntas. Eu me lembro que eu brincava com os
 1077 meus primos, e a mãe praticamente só ficava vigiando, mas hoje as crianças precisam brincar
 1078 com o adulto que está em casa, que são os pais a maioria das vezes. **Tarsila Crusius, Secretaria**
 1079 **Municipal de Educação – SMED:** E eles precisam conversar sobre sentimentos, eles precisam
 1080 brincar com, ter algumas brincadeiras mais desestruturadas e outras mais estruturadas. Existem
 1081 aqui, eu não estou achando, porque não anotei. Coloca ali na 80 só, por favor. Tem outros slides
 1082 parecidos com esse na 80. A 80 vai mostrar algumas tabelas que mostram quais... aqui, a relação
 1083 entre determinados campos e outros. Então, por exemplo, quanto mais perto de 1, maior a
 1084 correlação. Então, numeração emergente com literacia emergente tem uma grande relação. A
 1085 criança que está mal em numeração emergente, está mal em literacia emergente. Aqui, na 81.
 1086 Por exemplo, confiança está muito relacionada, a criança que vai, que tem um bom desempenho,
 1087 que tem mais confiança, tem um comportamento pró-social melhor. Tem desempenho melhor
 1088 em comportamento pró-social. A criança que está mal na confiança, no ambiente, nos adultos,

1089 nas instituições, ela vai mal no comportamento pró-social também, tem desvantagem. Olha,
1090 81! Altíssimo. Onde está menos de 50, já é uma correlação pequena. Então, você tem uma boa
1091 correlação significativa, por exemplo, entre memória de trabalho e flexibilidade mental. Você
1092 tem empatia... Então, assim, você vai encontrar algumas correlações. O que apareceu aqui?
1093 Maior uso de tecnologias digitais tem uma correlação, não sei em que gráfico está, muito alta
1094 aos piores desempenhos nas três áreas estudadas: numeração, literacia, funções executivas e
1095 funções socioemocionais. Nós precisamos enfrentar isso. Como, a gente não sabe, mas a gente
1096 tem que começar. Mas tem que começar. E essa questão que eu disse que é social, que nossos
1097 níveis socioeconômicos não diferenciam os níveis socioeconômicos... No exterior quem tem o
1098 nível socioeconômico melhor tira a criança mais das telas, ela começa com os nossos adultos
1099 que não sabem usar, em todos os lugares. Em todos os lugares, o adulto sentado numa mesa de
1100 restaurante e cada adulto olhando seu celular. Se eu não controlo para mim, eu vou controlar
1101 para minha criança como? Se é, sabe? Então, aqui a gente tem que trabalhar o adulto, e o adulto
1102 para trabalhar consigo e com a criança o limite de uso das tecnologias. A minha enteada, quando
1103 tiraram os celulares da escola, os primeiros recreios. Ela diz: 'Como é que foi teu recreio sem
1104 celular?'. 'Não, a gente sentou, pegou uma caneta, um papel e desenhou o celular'. E ficaram
1105 conversando com o celular de papel. Eu disse: 'Você não fez isso'. Ela diz: 'Claro que sim'.
1106 [Falas concomitantes]. As coisas estão começando ali. E aí só queria dizer uma coisa que eu
1107 pensei enquanto tu estava apresentando: esse estudo foi com crianças de 5 anos que frequentam
1108 algum centro de educação infantil. As crianças que estão chegando para ti, porque a educação
1109 infantil se tornou obrigatória no Brasil em 2009, mas com um período longo de tempo para as
1110 prefeituras poderem garantir esse direito. Ainda não está garantido esse direito. Então, assim, a
1111 pré-escola, que seria um desses espaços em que as crianças poderiam estar desenvolvendo
1112 algumas dessas habilidades e competências socioemocionais e executivas, elas também não
1113 tiveram, foram parar lá no primeiro ano. E essa seria um dos espaços possíveis de redução
1114 dessas desigualdades: a escola. Mas ela nunca vai ser suficiente. Então, fechando só o que eu
1115 estou dizendo, o que esse estudo nos dá é uma certeza, eu acho que a gente tem que ajudar
1116 quando fala da primeira infância com muita confiança nessa ideia: a gente não pode falar em
1117 redução de desigualdades, em promoção do desenvolvimento infantil, não pode falar da
1118 primeira infância e de nenhuma primeira infância, se a gente não falar muito sério sobre
1119 parentalidade. Cuidado sobre parentalidade. Também fez com os pais, fez entrevista com os
1120 professores, de como é que eles viam esses pais, como é que eles estavam cuidando. É um

1121 estudo muito rico. É bem focado na parentalidade, não consegue fazer essa correlação de troca.
 1122 Até porque não tem política pública, que hoje tem política pública que olha a parentalidade,
 1123 acaba sendo muito mais a saúde, em detrimento de situações assim, de cuidado. Ou a educação,
 1124 mas aí que está na educação. É que é o espaço riquíssimo. Por exemplo, nas escolas, por
 1125 exemplo, em que você tem uma participação maior de pais nos conselhos de pais, etc., no dia a
 1126 dia dessas escolas, você vai encontrar melhores resultados. A escola é um espaço para trabalhar
 1127 os pais, assim como a atenção primária é o meu espaço, e assim, aí é minha dor, é minha dor,
 1128 nosso serviço de fortalecimento de vínculos. Então, assim, eu não posso deixar com o conselho,
 1129 porque eu só recebi o que estava na minha sacolinha, mas vocês deem uma olhadinha, fiquem
 1130 à vontade. São quatro. **Carolina Aguirre da Silva, Centro de Atendimento Integrado do**
 1131 **Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:** Mais alguma coisa, gente? Muito
 1132 obrigada, Tarsila. **Tarsila Crusius, Secretaria Municipal de Educação – SMED:** Essa
 1133 pesquisa recém foi lançada. Eu acho que ela tem que subsidiar todas as nossas falas sobre
 1134 primeira infância. É um elemento, a política pública baseada em evidências não pode
 1135 desconsiderar essas evidências que ela está trazendo. Mas vamos lá. Vocês conhecem a OCDE?
 1136 Vocês sabem o que é que é a OCDE? É a Organização Internacional para o Desenvolvimento
 1137 Econômico, Organização de países para o desenvolvimento econômico. E quando se fala em
 1138 desenvolvimento econômico, é ali que a gente vai estar falando de desenvolvimento humano,
 1139 nas condições de que as pessoas realizem os seus potenciais, se tornem produtivas e tenham um
 1140 bem-estar. A economia, a ciência da economia, ela vai dizer da produção, mas o bem-estar
 1141 social pela economia e da produção da economia para uma sociedade desenvolvida. Então,
 1142 assim, é uma grande organização. É a ONU da economia, o braço da ONU para o
 1143 desenvolvimento econômico. E está olhando para essa parte social e de acolhimento porque já
 1144 se concluiu que não adianta só o jovem aprendiz, não adianta só incluir depois, que o
 1145 investimento na primeira infância é aquele que dá os maiores resultados no curto e no médio
 1146 prazo, forma cidadãos mais produtivos, menos violentos. **Sônia Silvestrin, Secretaria**
 1147 **Municipal de Saúde – SMS:** E mais felizes, porque olha a depressão em jovens, a depressão
 1148 em jovens é absurda. E também eu já trouxe aqui, mas acho que tem que reforçar, e a gente tem
 1149 falado com as equipes: 85% dos circuitos neuronais acontecem na primeira infância, que é até
 1150 os 3 anos. A gente vai, Davi, correr atrás da máquina para resgatar esses adolescentes e tentar
 1151 ressignificar algumas questões. Mas o fato é que eles perderam muitas vezes uma grandíssima
 1152 oportunidade de se sentir protegidos, de se sentir valorizados, de desenvolver o cérebro mesmo

para conseguir ter competências, de se sentir capazes. Sabe aquele adolescente que chegava acabado? Ele se sentia incapaz, e daqui a pouco ele é incapaz porque ele acabou não desenvolvendo determinadas áreas cerebrais. E isso não quer dizer que ele não possa ser novamente estimulado e recuperar parte disso, mas o trabalho e esforço pessoal que ele vai ter que fazer é gigantão, enquanto na primeira infância é automático. O neurônio vai se reconstruindo e vai construindo aquilo que ela falou da literacia e da literacia é tu ir desenvolvendo esses neurônios para ter habilidade. Para compreender o texto, para conseguir te colocar, te expressar. Enfim, eu acho que é capacidade de viver a vida de forma intensa.

Tarsila Crusius, Secretaria Municipal de Educação – SMED: E cada vez mais as pesquisas em desenvolvimento econômico estão olhando para os investimentos públicos e para o desenvolvimento desde a primeira infância, porque onde você investe aqui, economiza muito lá na frente, em recursos humanos, em recursos financeiros, em energia para empurrar no bom sentido esse cidadão para o desenvolvimento, para a autorrealização. **Sônia Silvestrin, Secretaria Municipal de Saúde – SMS:** Eu quero muito ver, eu quero muito usar esse estudo para mim. **Tarsila Rorato Crusius, Secretaria Municipal de Educação - SMED:** Obrigada! [Aplausos]. **Carolina Aguirre da Silva, Centro de Atendimento Integrado do Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:** Muito bom. Então, comissões, o que temos? Registros, Finanças?

3. COMISSÕES: Comissão Executiva, Comissão de Registros, Comissão de Políticas e Comissão de Finanças.

COMISSÃO DE FINANÇAS:

Priscila Balestrin, Parceiros Voluntários: O processo é o 25.0.0001721282-6 da **FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO RIO GRANDE DO SUL**. O projeto é 'Educação dos Sentimentos, Desenvolvendo Virtudes'. O projeto tem por objetivo promover encontro de contação de histórias educativas para crianças e adolescentes da rede pública municipal, visando auxiliá-las a identificar e educar os sentimentos, desenvolvendo competências socioemocionais, a fim de que se tornem construtores do bem e da paz em suas relações. Atenderá a 1.600 crianças e adolescentes durante 24 meses. O valor total do projeto é de R\$ 1.723.797,81. A Comissão de Finanças emite parecer favorável à emissão da carta de captação com 5% de retenção. **Carolina Aguirre da Silva, Centro de Atendimento Integrado do Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:** Em votação, quem é favorável levantar a mão. Ok, **APROVADO POR UNANIMIDADE**. Outra comissão? Registros? Vamos fazer por bloco.

COMISSÃO DE REGISTROS:

Francyne da Rosa, CEMME: Eu vou apresentar aqui. É o processo SEI 24.0.00037727-5, **ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DA VILA NOVA SÃO CARLOS - AMUVICA**. Foi um pedido de recadastramento do ano passado, isso estava pendente. Estava faltando documento, que era o PPCI, e o documento comodato, aluguel do imóvel. O despacho foi feito em outubro do ano passado, e foi um processo que há um mês atrás a gente trouxe para a plenária porque a OSC não tinha mais se manifestado desde o ano passado, então, para fechar o processo. Na semana que a gente passou na plenária para fechar o processo, a OSC se manifestou através de um e-mail que um profissional lá do DEMHAB mandou, dizendo que havia conversado com o Carlos Simões, informando que não precisava do documento, que ele fala aqui que é o TPU, que é um documento sobre o imóvel. Ele não justifica ali o porquê de não ter esse documento, ele só diz, então, que a orientação ali que ele tem é que não precisaria desse documento porque ele, então, falou com o Carlos. Mas o Paulinho na análise do processo ali verificou que seria uma área verde, que não teria. **Carolina Aguirre da Silva, Centro de Atendimento Integrado do Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:** Isso, é que, na verdade, esse entrou em contato comigo também, me questionando sobre isso e fazendo toda uma fala da região, da situação da região. Ali está se vendo, na verdade, o que é aquele espaço. Então, para poder dar o TPU, que é a permissão de uso, é só se for da Prefeitura. Como se é área verde ou se é área de quem, até se descobrir de quem é o dono, a Prefeitura não pode dar. Então, para não ficar com o documento trancado, porque a instituição precisava também para dar este do sindicato, precisava de todo o documento do sindicato para a emenda, para outras questões, e também como a nossa resolução saiu também essa exigência. **Francyne da Rosa, CEMME:** Saiu do alvará. **Carolina Aguirre da Silva, Centro de Atendimento Integrado do Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:** Realmente. E aí, então, a gente combinou de dar o atestado. **Francyne da Rosa, CEMME:** Já teve outros casos, aquele do Anjinhos do Cristal também que não tinha o termo comodato. Eles então agora, no mês passado, enviaram o TCI. O Paulinho ali iniciou o parecer e a gente precisa passar em plenária, então, para aprovação, e eles terem o atestado de funcionamento a partir do recadastramento do ano passado que estava pendente. O segundo processo o Lucas vai apresentar. **Lucas de Campos Ribeiro, Instituto Pobres Servos da Divina Providência - Calábria:** É o FORÇA E LUZ, a comissão, estivemos hoje pela manhã para fazer visita, e eles pedem, daí, a inscrição, o primeiro registro deles. É um projeto que visa a questão do cinema, acompanhamento cultural, e atende escolas, já tem projetos bem

1217 fundados há mais de 1 ano. A gente fez a visita, fez a vistoria, registro de fotos, botamos ali no
 1218 processo SEI, que é o número 26.0.000029870-0, na Rua dos Andradas, 1223. **Francyne da**
 1219 **Rosa, CEMME:** Atendimento direto para rede, esse daqui também, atendimento direto,
 1220 educação infantil, Pró-rede. **Carolina Aguirre da Silva, Centro de Atendimento Integrado**
 1221 **do Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:** Tá, então, em votação, gente. Quem é
 1222 a favor, levantar a mão. OK, **APROVADO POR UNANIMIDADE.** **Francyne da Rosa,**
 1223 **CEMME:** Eu não consegui estar na reunião da conferência, porque quando marcam reunião na
 1224 quarta-feira, como eu estou aqui na de registros, e que a gente está com colegas novos, eu fico
 1225 nessa atenção dos colegas novos pra gente dar andamento nos processos. O Paulinho veio me
 1226 falar que a organização do dia de amanhã, que a gente está organizado para levar o CPA, eu
 1227 queria só esclarecer ali a questão da participação dos adolescentes, porque daí o Paulinho me
 1228 relatou que os adolescentes vão ter um encontro separado dos adultos amanhã, e que esse
 1229 encontro vai ser promovido por mim, por ele e pelo Carlos Simões. Só que eu queria entender
 1230 a efetividade do dia de amanhã, porque o objetivo era sim eles participarem da capacitação dos
 1231 6 eixos junto com os adultos, porque o encontro do CPA já acontece na última quarta-feira do
 1232 mês. Então qual seria o objetivo de ser amanhã lá no Projeto Pescar, sendo que a gente tem um
 1233 encontro com o CPA na última quarta-feira do mês já previsto, a gente alterou esse dia para o
 1234 dia de amanhã, na verdade acrescentamos o dia de amanhã, justamente para eles participarem
 1235 de algo que fosse promovido, e se é eu, o Paulinho e o Carlos que vamos promover, esse
 1236 encontro poderia ter sido o último encontro que a gente já está previsto para fazer. Então, eu
 1237 queria entender a efetividade do encontro de amanhã, sendo que parece que a gente só deslocou
 1238 o local, que seria aqui, e trocou a data. Então, a gente fez toda uma correria para estar amanhã
 1239 com todos os adolescentes, vão ser 35 adolescentes lá. **Paulo Francisco da Silva, Pequena**
 1240 **Casa da Criança:** Pensando em eles serem capacitados para facilitadores, posteriormente.
 1241 **Francyne da Rosa, CEMME:** Essa era a ideia, deles participarem como facilitadores ali, junto
 1242 com a capacitação dos adultos, para que nas pré-conferências eles já tivessem algumas
 1243 ferramentas, e para que lá na própria conferência o CPA já estivesse dentro dessa lógica dos
 1244 facilitadores. Agora, com essa nova orientação aí, não sei se foi isso que foi definido, só me
 1245 parece que a gente deslocou o atendimento lá que a gente teria da última quarta-feira do mês,
 1246 que poderia ser aqui, e que poderia ser mantido para este objetivo. **Carolina Aguirre da Silva,**
 1247 **Centro de Atendimento Integrado do Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) –**

1248 **Presidente:** Deixa eu só terminar as comissões, aí a gente entra. Políticas, tem algo?

1249 **COMISSÃO DE POLÍTICAS:**

1250 **Rosana Fernandes Nunes, Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Porto Alegre,**

1251 **APAE/Porto Alegre:** A Comissão de Políticas deu continuidade à análise dos processos e

1252 agendamos reuniões com duas OSCs para a semana que vem. **Nicolas Vaz, Secretaria**

1253 **Municipal de Esporte e Lazer – SMEL:** Só ficou faltando uma fala da Comissão de Registros,

1254 que hoje pela manhã também a gente fez a reunião com a Associação Mais Crianças devido a

1255 umas divergências das informações no plano, e as conselheiras Vera, Alice, a Francyne,

1256 Nicolas, estivemos com os representantes da OSC e já encaminhamos a solicitação da

1257 documentação correta. **Carolina Aguirre da Silva, Centro de Atendimento Integrado do**

1258 **Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:** Perfeito. Então assim, gente, vamos lá. A

1259 comissão da conferência para amanhã nós estamos pedindo conselheiros para nos auxiliar na

1260 formação ou capacitação para os facilitadores das pré-conferências. Amanhã vai ser então às 13

1261 horas lá no Projeto Pescar, na instituição, e a ideia, era para ser presencial a reunião, e aí algumas

1262 pessoas pediram para ser online. OK, aí a gente tenta organizar no limite do possível. Mas a

1263 minha vontade é que possa ser presencial para que a gente esteja de corpo e mente ali. Mas o

1264 que a gente pensou? Numa outra reunião já em que nós estávamos aqui, até nesse cantinho aqui,

1265 em que os adolescentes do CPA pudessem estar presentes e que junto com outros adolescentes

1266 que vão estar amanhã lá também para que eles fossem já trabalhando para serem facilitadores.

1267 É essa a ideia, penso eu. Se não for assim, a gente pode fazer de outra forma, sem estresse,

1268 vamos pensar juntos. Penso de que amanhã nós com os adultos vamos organizar, primeiro

1269 momento eles vão estar todo o grupo e aí nós vamos estar falando do roteiro de organização da

1270 pré-conferência, regras básicas de pré-conferência. Depois nós vamos nos dividir em grupos, e

1271 aí cada grupo vai trabalhar os seis eixos, não um eixo, um eixo, dois, mas trabalhar os seis

1272 porque depois na pré-conferência pode acontecer de que faltou facilitador lá do eixo 1. Ah, mas

1273 eu fiz o eixo 6, então é todo mundo para todos os eixos. E nós combinamos naquelas reuniões

1274 que seriam seis facilitadores por região também, e a ideia que a gente teve hoje, que a gente

1275 fechou mais ou menos, é de poder não entrar nas discussões de cada eixo, que penso que seria

1276 o contrário do que faríamos com os adolescentes. Não entrar em discussão de cada eixo, de cada

1277 temática, mas fazer na verdade como que a gente poderia ou como que a gente já faz nas regiões

1278 para trabalhar a questão da proteção integral, como que a gente faz ou como a gente poderia

1279 trabalhar com os adolescentes, com o público adulto, para trabalhar a questão de fortalecimento

da rede, o fortalecimento do conselho tutelar, o fortalecimento. Pensamos nessa linha assim, e aí a gente dividir os grupos, termos essa explosão de ideias e voltarmos para o grande grupo quando a gente traz as ideias do todo. A gente não vai entrar nos eixos porque senão é uma pré-pré-conferência, e aí a gente já teve uma fala de cada eixo esmiuçando lá com a Alis na PUC. Com os adolescentes, até conversei um pouquinho com o Paulinho, o que ele me trouxe foi de que seria um aprofundamento do que houve em relação à reunião do CPA. Não sei se, pensando nos adolescentes, se eles gostariam de novo da mesma situação. Então assim, talvez eu não vejo eles ainda já entrando nos grupos dos adultos, porque a metodologia até seria diferente.

Francyne da Rosa, CEMME: Então, isso foi uma fala que eu fiz naquela reunião que foi online e eu estava aqui presencial. Lembra que teve ali a discussão da conselheira com o Carlos Simões sobre a participação ou não participação dos adolescentes? Eu coloquei inclusive lá no grupo sobre a participação dos adolescentes, da necessidade de pensar um encontro para incluir os adolescentes, pensando ali numa proposta de entendimento ali dos adolescentes. Mas, e ainda questionei lá no grupo: ficou definida a participação dos adolescentes? Aí alguns falaram: eu acho que essa é a proposta de incluir os adolescentes neste contexto. **Carolina Aguirre da Silva, Centro de Atendimento Integrado do Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:** E a questão de ver que eles queriam ou não. Essa é que foi a demanda. **Francyne da Rosa, CEMME:** E aí no encontro que o Carlos teve aqui com os adolescentes, inclusive, que foi depois daquela reunião, ele ainda falou presencialmente para a gente de que ele entendia que sim, os adolescentes poderiam participar, voltando na fala dele lá da reunião de que ele disse que não. OK, então organizamos para que os adolescentes estivessem amanhã. Mas é isso, eu acho que se nós formos separar os adolescentes lá e os responsáveis por fazer uma atividade com eles sobre a conferência seja a minha, do Paulinho e do Carlos que se propôs a estar no CPA, é o encontro do CPA, não é capacitação e não é a proposta de amanhã. E aí não teria o porquê de a gente ter mobilizado para ir amanhã. **Paulo Francisco da Silva, Pequena Casa da Criança:** Mas seria a proposta, na verdade seria uma capacitação para eles, de ser facilitadores na pré da sua região. **Francyne da Rosa, CEMME:** E esse é o objetivo dos adultos, é isso daí, sim, então seria o mesmo deles também. E por que a gente vai separar então? E quem vai fazer isso é a equipe do GT do CPA. **Paulo Francisco da Silva, Pequena Casa da Criança:** Não, é porque quem ia participar, ia participar os adultos e os adolescentes, então a gente achou bom de tipo: vocês vão estudar, vão ficar com os adolescentes. **Francyne da Rosa, CEMME:** A gente não vai participar dos adolescentes, a gente vai promover o encontro dos adolescentes. A

1312 gente vai ter que fazer as atividades com eles e pensar de hoje para amanhã. **Paulo Francisco**
 1313 **da Silva, Pequena Casa da Criança:** E a capacitação, né? E outro que é aquele modelo que o
 1314 Simões passou ali no grupo, ali qual a linguagem usar para os adolescentes? Qual a linguagem,
 1315 os facilitadores do CMDCA aqui, vão passar amanhã para os facilitadores das regiões passar lá
 1316 na pré-conferência? Que didática e que metodologia utilizar para tirar totalmente, não
 1317 totalmente, a questão da linguagem técnica. Então, vai ser mais ou menos isso aí que a gente
 1318 vai trabalhar. **Francyne da Rosa, CEMME:** E por que que os adolescentes não participam?
 1319 Quem vai ser os facilitadores dos adultos, por exemplo? **Carolina Aguirre da Silva, Centro**
 1320 **de Atendimento Integrado do Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:** Dos
 1321 adultos sou eu, o Carlos, a Fabrizia, a Tarsila. A proposta que a gente falou vai ser essa que eu
 1322 tinha dito agora. Na verdade, o Carlos trouxe uma proposta da gente entrar nos eixos e trabalhar
 1323 cada eixo, esmiuçar o eixo. Aí a Luéli e eu, a gente entende que não é interessante a gente entrar
 1324 no eixo, porque senão a gente vai fazer uma pré-conferência, e não é o intuito de uma pré-
 1325 conferência. O intuito é a gente trabalhar e aí talvez a gente tenha que rever a metodologia, na
 1326 verdade, do encontro com os adolescentes amanhã, que não é também rever o que é, digamos,
 1327 proteção integral, porque isso vocês já trabalharam com eles aqui. E talvez vocês tenham que
 1328 fazer, na verdade, é pensando lá na pré-conferência de vocês, como é que vocês fariam, seriam
 1329 os facilitadores ou os mediadores para o restante da gurizada lá? Como é que vocês fariam isso?
 1330 O que, tanto nós, enquanto adultos, poderíamos auxiliar? Talvez seja essa a metodologia de
 1331 vocês amanhã. **Francyne da Rosa, CEMME:** Tudo bem, só que qual é a efetividade da gente
 1332 fazer isso com os adolescentes e eles chegarem lá nas pré-conferências, por exemplo, e quem
 1333 pensou na metodologia já chegou com a metodologia lá? Não faz sentido. Se eles não estiverem
 1334 na construção com os adultos, por exemplo, não faz sentido. A gente só vai trabalhar o que é a
 1335 conferência e o que são os eixos. **Carolina Aguirre da Silva, Centro de Atendimento**
 1336 **Integrado do Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:** Sim, até porque, digamos
 1337 assim, a Carolina é adolescente lá da micro 5. Eu fiz a capacitação só que eu não estou na
 1338 comissão, eu nem sequer me organizei enquanto instituição para ir. É, mas então a gente teria
 1339 que cruzar amanhã. Quem é, qual é a CPA que tu é? Qual é a região que tu é? Eu sou da região
 1340 5. Vai ficar junto com o adulto da micro 5. Isso já nesse contexto. É porque daí eu consigo
 1341 pegar, já tinha adolescente na sua comissão? Então, está aqui o adolescente da comissão. Tá,
 1342 mas aí eu te pergunto uma outra coisa: não é ruim tacar eles no fogo? **Francyne da Rosa,**
 1343 **CEMME:** Estão aí para isso. Eu acho que assim, a gente está muito nesse melindre de o

1344 adolescente participa ou não participa, de faz uma metodologia diferente para o adolescente ou
 1345 não faz. Só que assim, nessa discussão a gente nem fez uma metodologia diferente para o
 1346 adolescente para ele estar incluído. A gente está separando novamente eles. Então, a gente não
 1347 está nem incluindo e nem fazendo com que esse encontro seja efetivo para esse adolescente
 1348 para que na prática ele consiga executar. **Carolina Aguirre da Silva, Centro de Atendimento**
 1349 **Integrado do Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:** É, mas o meu medo é que
 1350 amanhã o adulto lá patrole ele. Aí a gente vai ter que pegar e dizer, e é uma fala que a gente vai
 1351 ter que fazer, é dizer: "Olha, a prioridade não é tua, adulto, a prioridade..." **Paulo Francisco da**
 1352 **Silva, Pequena Casa da Criança:** Talvez passar desde o início. Desde o início passar assim
 1353 para os adultos, ficar claro: são os adolescentes, então é trabalhar junto, vai ser um facilitador
 1354 junto com vocês, não vai ser disputa. Vai ajudar, vão ajudar ele a dar a voz. **Francyne da Rosa,**
 1355 **CEMME:** Porque assim é muito fácil. Eu, Paulinha aqui, o Carlos, vamos lá, vamos fazer uma
 1356 atividade sobre a conferência, pré-conferência com os adolescentes, eles vão entender e vão
 1357 embora. O que a gente faria no CPA. Agora, se é um encontro de capacitação para que aqueles
 1358 facilitadores que vão executar a conferência lá no seu território, eles vão enxergar aquelas
 1359 pessoas ali no dia da pré-conferência. **Carolina Aguirre da Silva, Centro de Atendimento**
 1360 **Integrado do Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:** E a conferência deles vai
 1361 ser lá. Até te cortando, mas é assim: lá no dia da pré-conferência, vamos dizer na micro 5 de
 1362 novo, tu não vai estar lá, o Paulinho não vai estar lá fazendo a facilitação. Quem é que vai estar
 1363 lá é a referência da região. É a referência da região. Então, amanhã, 1 hora... **Francyne da Rosa,**
 1364 **CEMME:** Eu vou levar os adolescentes. **Carolina Aguirre da Silva, Centro de Atendimento**
 1365 **Integrado do Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:** Tá, daí não é que a gente
 1366 só vai reunir gente que amanhã quem vai estar lá. Nós vamos nos reunir 1 hora para poder fechar
 1367 isso certinho e organizar lá no Pescar, 1 hora. Ele é no Shopping Total, 3º andar, lá no fundão.
 1368 Tá. Antes de vocês saírem, tem aqui: a comissão eu já falei. Material vai ser entregue alguma
 1369 coisa amanhã lá também. Serviço de convivência, o recurso ainda do CMDCA/FUNCRIANÇA
 1370 ainda não saiu da secretaria, está saindo hoje para a SMAS para poder fazer o pagamento do
 1371 mês que não tinha entrado. E o valor do aumento para o serviço de convivência ou assistência
 1372 de forma geral vai ter que ser feito reordenamento no CMAS. Então, quem tem conselheiros e
 1373 tudo mais na sua região, a gente precisa estar conversando um pouquinho melhor para a gente
 1374 poder garantir este reordenamento do CMAS para vir o recurso específico para aumento da
 1375 assistência, tá? **Paulo Francisco da Silva, Pequena Casa da Criança:** Esse seria aquele o

1376 reajuste? **Carolina Aguirre da Silva, Centro de Atendimento Integrado do Morro da Cruz**
 1377 **– Caimc (Topogigio) – Presidente:** É o reajuste, tá? Ele é de 4,36%. **Paulo Francisco da**
 1378 **Silva, Pequena Casa da Criança:** Que chamam de subsídio. **Carolina Aguirre da Silva,**
 1379 **Centro de Atendimento Integrado do Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:** É,
 1380 precisa do reordenamento. Tá. Aí outra questão é: nós temos uma denúncia de um AR, tá? E aí
 1381 eu pedi para a Viviane passar para a Comissão de Registro para a gente organizar uma visita.
 1382 Edital de credenciamento da SMIDH também tem que todas as instituições têm que fazer.
 1383 Então, a gente precisa divulgar para que as instituições possam estar fazendo. Datas, tá? Depois
 1384 eu boto ali. Não existe um prazo, mas se a tua instituição está captando, tu está atrasado. Porque
 1385 eles vão travar, eles vão trancar todos os pagamentos de quem não está credenciado. Uma
 1386 dificuldade que eu estou com a secretaria é a secretaria entender de que uma coisa é o conselho
 1387 e que para ter atendimento com criança e adolescentu precisa ter registro e inscrição, Resolução
 1388 14, e para ti fazer captação de recursos com criança, Resolução 150, tu tens que ter registro e
 1389 inscrição. Ponto. Outra coisa é o credenciamento no edital se é por dispensa ou não da secretaria.
 1390 A forma de pactuação da secretaria para a liberação do recurso do Fundo Municipal da Criança
 1391 não é independente, mas não é a mesma coisa. Então, para ti ter mesmo que seja dispensa lá no
 1392 edital por credenciamento, tu tens que ter o registro e inscrição e participar da resolução 150.
 1393 Então, é uma sequência de coisas. Então, agora teve uma instituição em que estava com o
 1394 atestado no conselho desatualizado, foi trancado lá. Então, está uma delícia, está uma delícia.
 1395 Então, está bem complicado, bem complicado, tá? Outra questão também, a questão de
 1396 capacitação dos conselhos de direito, que são 10 horas online. Dia 16 agora de maio também
 1397 nós temos uma capacitação que a instituição Otto Kepler está pedindo para alguém participar.
 1398 E o Paulinho disse que vai participar enquanto à Resolução 14, mas se alguém puder pela
 1399 Resolução 150 seria interessante. Dia 20 de maio e dia 28 de maio nós temos também... Não,
 1400 dia 20 nós temos sobre o ECA Digital com o Deputado Adão Preto. Dia 28 e dia 22 nós temos
 1401 uma capacitação do ECA Digital também. Aí é pela PUC, dia 28, pelo Marista, e dia 22 pela
 1402 Coordenadoria da Infância e Juventude. Vou passar tudo para vocês depois ali. Está cheio de
 1403 datas. Recebi um monte de card que chegou, a gente até se perde. E dia 27 do CEDICA. Do
 1404 ECA digital. Viu? Já tem mais um. **Francyne da Rosa, CEMME:** E aí tu podia colocar de
 1405 amanhã, se vai por representação, se é todos os conselheiros, para a gente se organizar nessas
 1406 agendas. **Carolina Aguirre da Silva, Centro de Atendimento Integrado do Morro da Cruz**
 1407 **– Caimc (Topogigio) – Presidente:** Tem esse aqui que é do dia 20 de maio, esse é pela manhã

1408 e é online. Daí eu acho que dá para participar. Porque eu acho que, principalmente sobre o ECA
 1409 digital, tem muita coisa nova saindo, muito material. Tem um material que o Conselho
 1410 Municipal de Educação também mandou, depois eu compartilho com vocês ali. Então, tanto é
 1411 que já estão nos cobrando posicionamento quanto ao ECA digital quanto conselho. Então a
 1412 gente precisa se atualizar para poder emitir alguma coisa. Então a gente vai ter que correr atrás
 1413 da máquina também, tá? Uma outra coisa também, aí só para eu poder fechar, pedi para a Larissa
 1414 para que nós possamos pensar, tanto naquele grupo de edital que eu fiquei de criar e não criei,
 1415 mas vou criar. Criei hoje, vou botar o material ali para vocês então. Criei, vou botar o link ali
 1416 para vocês. Pedi para ela fazer um projeto, um esqueleto de projeto técnico pensando na
 1417 atualização dos nossos planos decenais, tá? A Tarsila está puxando o plano da primeira infância,
 1418 enquanto SMED, enquanto prefeitura, mas nós temos o plano da convivência familiar e
 1419 comunitária, nós temos o plano da proteção... **Francyne da Rosa, CEMME:** Escuta protegida?
 1420 **Carolina Aguirre da Silva, Centro de Atendimento Integrado do Morro da Cruz – Caimc**
 1421 **(Topogigio) – Presidente:** Escuta protegida. E olha gente, a gente deve ter uns 10 planos de
 1422 atualizar. Então, se bobear, e eu nunca vi tanto material que a gente tem que construir ou
 1423 atualizar. Então, o que eu pensei, tá? Pernas não temos. Então, é muita demanda para a gente
 1424 poder fazer. O que eu pensei é em organizar uma dispensa de edital ou um edital ou chamamento
 1425 público para a gente contratar uma empresa, que hoje em dia tem muitas empresas que já têm
 1426 este conhecimento, para poder fazer esse diagnóstico e escrita dos nossos planos. E aí lógico
 1427 que supervisionado por nós, mas que a gente possa estar junto ali na construção. Porque o, por
 1428 exemplo, o plano de convivência familiar e comunitária, ele é um plano de atualização de 10
 1429 em 10 anos, tá? Nosso último plano, se ao não me engano, foi de 2020, pré-pandemia, mais ou
 1430 menos. Eu nem era do conselho, mas eu participei pelo fórum. E é a mesma linha do primeira
 1431 infância, ele envolve tudo da criança. Plano familiar e comunitário. Tem praça na cidade? Tem
 1432 postos de saúde? Como é que a criança fica depois do horário? Como é que não sei o quê?
 1433 Então, é muito grande, tá? Até vou procurar depois o nosso último plano para que a gente possa
 1434 também dar uma olhada. E é um plano, na verdade, para os próximos 10 anos pensando na
 1435 política da criança e do adolescente em várias áreas, né? E aí, enquanto nacionalmente, política
 1436 federal, tem vários planos em que são cobrados da gente. **Francyne da Rosa, CEMME:** Podia
 1437 fazer, tu falou que tem vários, tem o da infância, por exemplo, vai ter o da juventude ali. Eu
 1438 poderia participar do GT lá da juventude para esse plano aí. **Carolina Aguirre da Silva, Centro**
 1439 **de Atendimento Integrado do Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:** Sim, a

1440 ideia é, o que eu pensei, tá? A ideia é a gente envolver os conselheiros, mas não como
 1441 conselheiro ser o que está produzindo 100%. **Francyne da Rosa, CEMME:** Até porque a gente
 1442 não tem nem tempo... **Carolina Aguirre da Silva, Centro de Atendimento Integrado do**
 1443 **Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:** E nem conhecimento muitas vezes, a
 1444 gente não tem esse conhecimento. **Francyne da Rosa, CEMME:** Então, enquanto conselho,
 1445 mas enquanto consultivo, participando ali da construção, pode ser com essa empresa, enfim.
 1446 **Carolina Aguirre da Silva, Centro de Atendimento Integrado do Morro da Cruz – Caimc**
 1447 **(Topogigio) – Presidente:** Foi isso que eu pensei assim, que daí a gente, a gente tem, a gente
 1448 vai ter a demanda, mas a gente não tem como produzir. E que nem eu disse assim, eu quanto
 1449 conselho, quanto presidente, muitas vezes eu sou cobrada e aí eu fico, poxa, sabe? E aí eu não
 1450 tenho também condições, né? Da mesma forma que nem eu disse assim, tem que fazer o edital.
 1451 Sim, mas tem que fazer o edital. **Francyne da Rosa, CEMME:** Nesse edital, isso é um
 1452 documento, né? Nesse edital não poderia ser um edital de assessoria jurídica, tudo que a gente
 1453 precisa, e aí a gente inclui esse plano? Porque a gente poderia fazer um edital mais abrangente,
 1454 porque a gente precisa de uma consultoria jurídica para editais, para outras coisas, né? Então,
 1455 fazer um edital que contemplasse as assessorias que a gente precisa ali e uma dessas assessorias
 1456 vai ser o dos planos. **Carolina Aguirre da Silva, Centro de Atendimento Integrado do**
 1457 **Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:** Vai ser. Pode ser. Porque, por exemplo,
 1458 assim, a minha ideia era fazer este plano. É um projeto técnico para depois a secretaria fazer o
 1459 edital, né? E aí a gente faz o projeto técnico dizendo exatamente o que a gente precisa e por que
 1460 precisa. Por exemplo, essa justificativa aqui que a Tarsila apresentou, a justificativa em que o
 1461 Davi apresentou ali, na verdade esse material entra como justificativa, né? E aí a gente pega
 1462 tudo isso, faz solicitando a assessoria jurídica. Eu já pensei em pedir também, junto neste,
 1463 campanhas em que a gente precisa fazer, sabe? Material gráfico que a gente precisa para as
 1464 campanhas, e aí fugiria completamente da ideia lá inicial nos primórdios que a gente pensou
 1465 em colocar isso lá dentro do edital, lembra? E aí isso aqui ficaria num edital. **Francyne da**
 1466 **Rosa, CEMME:** Seria um edital de assessoria. Aí chega lá, assessoria para campanhas,
 1467 assessoria jurídica, assessoria para editais. **Nicolas Vaz, Secretaria Municipal de Esporte e**
 1468 **Lazer – SMEL:** No CMAS tem, se não me engano, só que é jurídica. **Carolina Aguirre da**
 1469 **Silva, Centro de Atendimento Integrado do Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) –**
 1470 **Presidente:** Sim, só que a diferença do CMAS é que, não sei em que momento da vida em que
 1471 é, mas tem momento da vida em que o CMAS ganhou um corpo técnico para o CMAS. Então,

1472 não conheço essa parte lá, mas assim eles têm fixo há 30 anos lá. Então, ao contrário daqui do
 1473 CMDCA, nunca teve. **Francyne da Rosa, CEMME:** Podia pensar, a gente precisaria, que seria
 1474 legal, uma assessoria pedagógica no CPA. **Carolina Aguirre da Silva, Centro de**
 1475 **Atendimento Integrado do Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:** Tá. E aí, um
 1476 outro edital seria para a qualificação dos serviços, né? E que daí eu penso em que nós
 1477 precisamos fazer. Nós temos em média 30 milhões. Talvez um pouquinho mais, dependendo
 1478 do que a gente for fazer com essa assessoria. Digamos 25, né? Nós podemos fazer muita coisa
 1479 em Porto Alegre. **Francyne da Rosa, CEMME:** Tem o edital que daí eu acho que seria legal
 1480 a assessoria que é, mas esse é mais urgente, do OP, que já está, que a gente criou o grupo ali,
 1481 do OP do CMDCA. **Carolina Aguirre da Silva, Centro de Atendimento Integrado do**
 1482 **Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:** Sim, mas isso aí é 1 milhão, né? E aí,
 1483 penso assim de que a gente poderia escrever, e aí eu vou pegar aqueles materiais todos certinho
 1484 escrito para a gente poder rever e ver mais ou menos, o que que é, né? E também quero botar
 1485 ali para nós o edital do COMUI, para a gente poder ter uma noção, porque está suspenso, né?
 1486 Então assim, não que eles fizeram errado, mas algo não deu certo. E aí fazer de uma outra forma.
 1487 Tá? Então, acho que é bem essa questão que a gente tem que fazer. E a gente tem que fazer
 1488 logo, porque a gente está perdendo dinheiro nas aplicações. **Francyne da Rosa, CEMME:** A
 1489 gente tem o grupo ali dos editais, né? Está parado por enquanto. Acho que a gente ali poderia
 1490 listar os editais que vai ser trabalhado ali e já começar a produção disso, né? Porque
 1491 independente de vir assessoria, por exemplo, o edital também vai demorar, né? E isso tem que
 1492 estar andando para em algum momento acontecer para não ficar aquela coisa de nunca sai, né?
 1493 Então, a gente tem importante, porque tudo que a gente fizer de edital para esse ano é para o
 1494 ano que vem. **Carolina Aguirre da Silva, Centro de Atendimento Integrado do Morro da**
 1495 **Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:** Não, se Deus quiser é para até dezembro. **Francyne**
 1496 **da Rosa, CEMME:** Não inventa, Carol. Os prazos não funcionam. Então, até dezembro a gente
 1497 lançar, certo? Para a execução no semestre que vem, no ano que vem. Esse é o nosso prazo,
 1498 porque se não, se não sair edital até dezembro, a gente vai passar mais uma gestão sem edital.
 1499 **Carolina Aguirre da Silva, Centro de Atendimento Integrado do Morro da Cruz – Caimc**
 1500 **(Topogigio) – Presidente:** Sim, não, isso sim. Até o Carlos tinha me dado a ideia da gente fazer
 1501 como um diagnóstico o que sai da conferência. Aí eu disse para ele assim: "Não, é muito tempo,
 1502 porque é só em novembro. Eu não consigo fazer o que vai sair em novembro. Eu posso organizar
 1503 com o que vai sair nas pré". Que daí é maio e junho, aí eu só junto o que saiu das pré na minha

1504 justificativa e pronto. Aí sim, eu disse para ele. Aí ele disse: "Ah, então tá, tranquilo". Daí acho
1505 que dá realmente. Então, também vai ter mais um material vindo das regiões e que daí vai dar
1506 mais sentido às pré-conferências. Sim, que daí eu acho que fica bem legalzinho também.
1507 **Francyne da Rosa, CEMME:** E do OP, na verdade, precisa acontecer até julho para contratar
1508 as OSCs que vão fazer o OP, porque o OP tem que ser antes. **Carolina Aguirre da Silva,**
1509 **Centro de Atendimento Integrado do Morro da Cruz – Caimc (Topogigio) – Presidente:** A
1510 gente já está atrasado com esse projeto aí, né? Porque esse projeto era para fazer já o projeto do
1511 edital. Obrigada, gente!
1512 Nada mais havendo a ser tratado, foi encerrada a reunião da Plenária do Conselho Municipal dos Direitos
1513 da Criança e do Adolescente, às 17h15min, da qual foi lavrada a presente ata por mim, Patrícia Costa, sob
1514 o Registro nº 225257/2003 – FEPLAM, prevalecendo o princípio da presunção de veracidade.